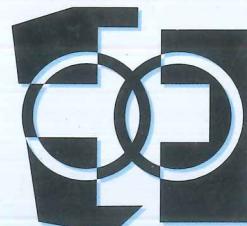


MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO



M.F.C.

**PRESENTE NO MUNDO
DE OLHO NAS FAMÍLIAS**



EVANGELIZAÇÃO MISSIONÁRIA FAMILIAR

**“DESCUBRA UM NOVO CAMINHO
PARA UMA VIDA FAMILIAR RENOVADA”**

ECE/PR - EQUIPE CENTRAL ESTADUAL - MARINGÁ - PR

Site: www.mfcpr.org.br

E-mail: contato@mfcpr.org.br

INFORMAÇÕES:

Excelente ferramenta de divulgação, este cartaz produzido pelo MFC do Paraná pode ser adaptado para qualquer nível de coordenação. Solicite o arquivo no endereço fatoerazao@gmail.com

17º ENA

18 a 23 de julho de 2010

Espírito Santo



Movimento Familiar Cristão

TEMA: Família promotora da justiça e da integridade da criação

LEMA: Eu vi e escutei o clamor das famílias (Ex. 3,7)



fato e razão

Movimento Familiar Cristão

www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

José Newton e Ariadna Ribeiro
Alzenir e Nereida Lopes
Paulo Roberto e Palmira Ferrari
Adalberto e Sônia de Jesus
A. Anastácio e Claire de Souza
Mozart e Geralda Carvalho

Editoria e Redação

Hélio e Selma Amorim
João e Arlete Borges
José Maurício e Marly Jorge Guedes
Luiz Carlos e Rita Martins
Oscavo e Terezinha Campos
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Itamar David Bonfatti
Rua Barão de Santa Helena, 68
36020-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatoerazao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefax: (32)3218-4239
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão

DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Circulação restrita sem fins comerciais

RECADO AOS LEITORES

E nossa querida revista chega à sua septuagésima edição.

Ao atingir este significativo número devemos, primeiramente, homenagear todos aqueles que em boa hora abraçaram esta causa e durante longos anos deram conta desta empreitada com imensurável dedicação e carinho, com destaque especial e merecido ao casal Hélio e Selma Amorim.

Recrutando colaboradores do mais alto nível os primeiros editores conseguiram construir um espaço com valioso conteúdo de análise e reflexão sobre os mais variados temas.

A perenidade dos assuntos tratados nos permitem até hoje consultar números publicados há muitos anos e ainda usufruir de seus ensinamentos.

À guisa apenas de retrospecto, atentem para alguns dos temas abordados na primeira edição: "As famílias como são: transição e crise"; "Família cristã: haverá um modelo?"; "O crime do silêncio (a respeito da omissão social)"; "Governo quer sistema justo de propriedade da terra"; "A necessidade de comunicação", e muitos outros assuntos de igual importância e atualidade. Muitos dos quais continuam oportunos até hoje.

Após muitos anos mourejando praticamente sozinhos o abençoado casal conta hoje com a colaboração de uma equipe de mefécistas de Juiz de Fora que tem se esforçado por manter o mesmo nível de qualidade editorial, tentando também inovar algumas práticas, principalmente relacionadas com a renovação e ampliação das assinaturas, objetivo com a renovação e ampliação das assinaturas, objetivo indispensável para subsistência da Revista.

Para atingir plenamente seus objetivos a revista precisa conquistar a interação com seus leitores, objetivo hoje perseguido pelos meios de comunicação modernos.

A palavra, portanto, está com nossos leitores.

Os Editores.

Graus Impensáveis de Perversidade, 3 Editorial

A Bíblia, Biblioteca de Amor, 5 Marcelos Barros

A Maldição Contra Juventude, 7 Arthur Conceição

Amor e Felicidade no Evangelho, 9 Jorge Leão

América Latina: Aprofundamento ou Restauração?, 11 Emir Sader

Bifurcação da Humanidade, 13 Leonardo Boff

Caritas in Veritas, 15 Dom Demétrio Valentini

Democracia Radical, 17 Manfredo Araújo de Oliveira

Educação e Exercício do Poder, 19 Jorge La Rosa

Flores da Primavera, 21 Pe. Alfredo J. Gonçalves

O Jardim, 23 Rubem Alves

Resenha Literária: Jesus Cristo - Esse Grande Desconhecido, 26 Juan Arias

Mães Mágicas, 29 Autor Desconhecido

Foto, Fato, Razão 31

Malabaristas: Equilibristas Infantis Lutando Por Uma Vida Digna, 32 Alexandre Pontieri

O Que Faz do Matrimônio um Sacramento, 35 Hélio e Selma Amorim

O Ocaso da Democracia Radical, 38 Frei Betto

Poema, 40 Pe. Arnaldo

Receita de Alegria, 41 Pablo Picasso

Sexualidade: O Desejo do Outro, 43 Deonira L. Viganó La Rosa

Socialismo em Debate, 46 Jung Mo Sung

Somos Todos Jacksons, 49 Eduardo Hoonaert

Não Fique Tão Sério, 51

Um Socialismo para o Século XXI, 53 Francois Houtart

Temário de Formação, 58 Secretariado de Formação do CONDIR-Sudeste

Data desta edição: setembro/2009

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC

Telefax: (32) 3218-4239 - e-mail: livraria.mfc@gmail.com

DVDs já disponíveis:



DVD 1

- “Drogas: dependência e recuperação”
- “Drogas: mitos e preconceitos”
- “Violência na família”
- “Família na escola”
- “Diálogo & diálogo”
- “Violência e insegurança”
- “Separações e divórcio”



DVD - 2

- “Drogas desafio para o educador”
- “Drogas: da negação à onipotência”
- “Criança agressivas”
- “Aprendizagem bloqueada”
- “Cuidar da voz”
- “Motricidade oral”
- “A família moderna”
- “Sexualidade”



DVD - 3

- “Violência urbana”
- “Insegurança e medo”
- “Idade e maturidade”
- “Ética – princípios que regem as relações humanas.”
- “Ética na política”
- “Auto-estima sem narcisismo”
- “Casamento rompido”
- “Relacionamento conjugal e familiar”
- “Identidade e auto-realização”

Editorial

Graus Impensáveis de Perversidade

Quando pensávamos já ter chegado ao limite da estupidez a exploração sexual de menores, uma quadrilha desbaratada pela polícia em SP inova e confessa seus crimes hediondos.

Para atender as preferências de tarados sexuais que incluem a procura de travestis de menos de 14 anos, os bandidos têm uma força-tarefa que alicia meninos de boa aparência em cidades das regiões mais pobres do país com a promessa de trabalho em São Paulo. As famílias são enganadas e ganham esperança de dias melhores para os filhos.

Entra em ação outra equipe, a que transporta os meninos para a cidade grande, recebidos pela quadrilha da ponta, aquela que prepara as crianças para a prostituição infanto-juvenil.

A preparação começa com a intimidação e promessa de ganhos. Segue a adequação física dos meninos, com o uso de hormônios que arredondam as suas formas e asseguram rostos imberbes, silicone para modelar os seios, os cabelos crescem. Como quem engorda um porco ou peru que será servido no Natal. Logo vestirão roupas femininas provocantes e passarão às ruas para o trabalho escravo degradante. Os tarados pedófilos chegam e consomem o

produto desejado, pagam mal. Os meninos-travestis não terão mais chances de fuga ou de retorno para casa: a família não reconheceria a criança ou adolescente metamorfoseado.

Difícil acreditar em tamanha deformação moral nessa prática hediondamente criminosa com efeitos terríveis, talvez irreversíveis, na vida dessas pobres vítimas. Infelizmente é real, filmada e televisada às oito da noite, pela Band, para horror de telespectadores horrorizados em suas poltronas depois do jantar. Metade da quadrilha está presa e confessou. A outra metade está foragida mas identificada, depois de meses de investigação. Ponto para a polícia.

Restam muitos problemas: para onde levar e como assistir as vítimas, profundamente feridas e deformadas física e psiquicamente; como desmontar outras quadrilhas que provavelmente estejam nesse ramo de negócio naquela e em tantas outras cidades; o que fazer como cidadão comprometido com o bem comum. Autoridades políticas e policiais parecem perdidas diante do tamanho social e geográfico do problema.

As pessoas de boa vontade não dispõem de instrumentos eficazes para a atuação individual

na cura dessa ferida social, a não ser na ajuda pontual em casos de vítimas próximas. Melhor e mais efetivamente integrando-se em entidades sociais intermediárias que se dediquem à luta pelos direitos da infância e adolescência.

O que também pode fazer facilmente como responsabilidade social cidadã será a denúncia de casos comprovados ou mesmo apenas suspeitos de práticas de

pedofilia, abusos sexuais com crianças - muitas vezes dentro das famílias - e a prática hedionda da prostituição infantil. Não se omita. Use o telefone. Talvez alguém se salve por sua intervenção.

Disque-denúncia: abusos sexuais em crianças e adolescentes
Disque 100 de qualquer cidade do país. Informe. Denuncie.
Não será pedida identificação.

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA
DE

fato e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: R\$30,00 (Trinta reais)(4 números)

Preço para o ano 2009

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Juiz de Fora-MG - cep 36010-520

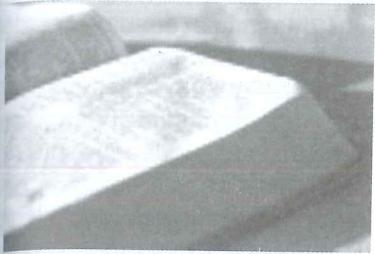
Tel./Fax (32) 3218-4239

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

A Bíblia Biblioteca de amor

Marcelo Barros *

multi-cultural, mas aberta a todas as expressões culturais e religiosas.



A

Bíblia nasceu em meio aos empobrecidos de Israel, mas, durante muito tempo, ficou em poder de intelectuais e pessoas abastadas. Agora, o segredo que ela traz em suas páginas, está sendo devolvido às comunidades pobres do campo e da cidade. Este movimento ecumônico de restituir a Bíblia aos pobres se soma ao fato de que a Bíblia continua sendo o livro mais impresso no mundo. Está traduzida em 1435 línguas e dialetos. Calcula-se que, por ano, se vendem 20 milhões de exemplares. O que significa todo este sucesso literário? Houve uma época que a Bíblia servia para arregimentar cristãos e fortalecer a Cristandade. Nos tempos das ditaduras militares, generais tomavam o poder, fazendo juramento sobre uma Bíblia aberta. Hoje, é preciso ver e usar a Bíblia de modo diferente. Provavelmente, por estas e por outras, cada vez mais, a sociedade civil se define como alheia à religião. Faz muito bem de ser uma sociedade leiga e

A Bíblia continua sendo referência cultural para quem quer estudar a arte, a literatura clássica é a própria história da humanidade. Mesmo pessoas sem fé apreciam os textos bíblicos que pertencem ao patrimônio cultural da humanidade e são obras primas da literatura universal. Afinal, a Bíblia inspirou a fundação de três religiões universais e de milhares de confissões e movimentos independentes.

Em muitos ambientes, o espiritualismo está em alta, mas muitos que assumem alguma busca espiritual não escolhem a Bíblia como referência. Entretanto, na América Latina, multidões leem a Bíblia para encontrar força de viver. Em anos recentes, em vários países do continente, muitas pessoas foram presas e assassinadas por terem lido a Bíblia e nela descoberto que deviam consagrar suas vidas à transformação do mundo. No contexto atual do mundo, uma nova edição da Bíblia deveria levar em conta as questões para as quais a humanidade busca uma resposta na Palavra de Deus. Algumas destas questões estão ligadas a determinados modos de ler a Bíblia. Em diversas partes do mundo, movimentos fundamentalistas e fanáticos inspiram-se na Bíblia,

assim como em outras épocas, muitos recorriam a textos bíblicos para justificar guerras e cruzadas. O governo de Israel pretende se apoiar na Bíblia para justificar sua perseguição e repressão ao povo palestino. Várias vezes, o presidente Bush se apresentou na televisão com a Bíblia na mão para justificar a invasão a outros países e o massacre aos povos de outras raças. Até hoje, pastores cristãos usam a Bíblia para condenar as religiões negras e as tradições indígenas. Lêem ao pé da letra as condenações da Bíblia aos ídolos estrangeiros e as aplicam às religiões de povos pobres e oprimidos.

A Bíblia, livro escrito coletivamente e em um processo de muitos séculos, contém várias imagens de Deus. Ali, Deus é mostrado como a divindade que, para ver se o patriarca Abraão tinha fé, mandou que este lhe sacrificasse o seu filho único. Ordenou aos hebreus massacrarem os povos cananeus que encontrassem pelo caminho e dirigiu as guerras sagradas de Davi contra seus inimigos. Premiava os seus amigos e punia os outros com a morte e a desgraça. Foi preciso Jesus de Nazaré dizer a seus discípulos:

“Vocês ouviram os antigos ensinarem uma coisa. Agora eu lhes digo outra: Nada de olho por olho, dente por dente. Nada de amar o próximo e odiar o inimigo. Nada de vingança” (Mt 5). Deus não pode ser assim.

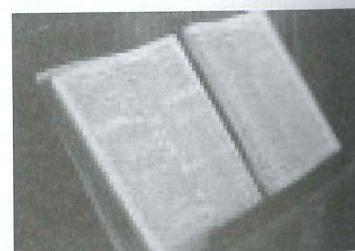
Jesus revelou um Deus diferente, um Deus paizinho que nos ama com amor maternal.

Se ele é Deus, é amor e misericórdia e não pode nunca ser vingativo e intolerante. Quer de nós amor e não nenhum tipo de sacrifício. Como lembrava o papa Paulo VI: “para se encontrar a Deus, é fundamental se encontrar o ser humano”. Jesus recordou profetas bíblicos e reafirmou que Deus quer que seu templo seja espaço de comunhão para toda a humanidade, independente de raças e religiões.

Neste começo de milênio, a humanidade é chamada a rever sua relação com a natureza. Se não mudarmos o estilo de progresso, responsável pela destruição ecológica, em pouco tempo, a vida no planeta Terra será inviável. Os crentes entenderam mal a palavra de Deus na Bíblia: “Crescei, multiplicai-vos e dominai a terra”. Ao contrário, esta palavra proclama o ser humano “gerente” de Deus na terra e não proprietário absoluto com direito de destruir outras criaturas de Deus e a própria comunidade da vida na terra.

Ao ler e escutar a Bíblia, que cada pessoa assuma esta responsabilidade de amor.

* Monge beneditino e escritor



A maldição contra juventude

Arthur Conceição *

Atualmente, o Brasil consome 6,5% de todas as drogas ilícitas do mundo, estimando-se que só de cocaína são comercializadas 40 toneladas, o que vem refletir no comportamento de uma juventude que está sem amparo pelo Estado. De 2002 a 2007 o consumo de drogas no País aumentou 30%, segundo os estudos da Junta Internacional de Entorpecente, com sede em Viena na Áustria e serve para auxiliar a Secretaria das Nações Unidas contra as Drogas (UNDOC).

O mercado de entorpecentes movimenta na casa do bilhão de reais no Brasil, que serve de sustentação para movimentar atividades ilícitas no mercado financeiro. Conforme alguns levantamentos preliminares do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Necvu/UFRJ), quase 30% do valor arrecadado com o tráfico de drogas vão para compra de armamento e munição. Por ser altamente rentável, se transformou num negócio ágil, moderno e extremamente profissionalizado.

Meros traficantes de favela não são donos desse grande aparato, mas apenas a ponta do iceberg. São controlados por grandes agenciadores que estimulam os guetos urbanos para servirem como ponte para a manutenção dessas atividades. Envolvem

alguns agentes de segurança do Estado e alguns políticos que estão a serviços como protetores dessa rede.

A cada ano que passa, o consumo da cocaína e do crack vem tomando proporções devastadoras na sociedade brasileira, principalmente nos grandes centros urbanos. O que temos hoje é um consumo excessivo da pedra de crack por todas as classes. O crack vem substituindo a cocaína nas mãos dos traficantes, levando um exército de pessoas cada vez mais colocar combustão na pedra nos cachimbos feitos com lata de refrigerante e cerveja. Um velho ditado popular coloca: onde há fumaça há fogo, e essa fumaça é o caminho para a morte pelo fogo cruzado entre o traficante e o consumidor. Cada dez pessoas que experimentam o crack oito se tornam dependentes. Nas cidades brasileiras de médio e grande porte, o crack já está entre as drogas mais comercializadas. O consumidor-alvo dessa droga está entre pessoas de 19 a 26 anos de idade.

Vivemos uma epidemia de consumo de crack, servindo como estímulo para a violência. Podemos chamar de inseticida da juventude moderna brasileira, pois seu consumidor é rapidamente exterminado.



A rede de saúde pública não está preparada para atender ao aumento avassalador dessa droga, que vem causando estragos sociais de grande proporção. Não temos dados concretos sobre a causa morte do usuário nos hospitais. Grande parte dos que morrem como usuário de drogas tem no seu prontuário morte por problema cardíaco-respiratório, pneumonia ou outras causas clínicas. Os próprios Institutos Médicos Legais de todo o país tem dificuldade de fazer anotações em seus sistemas quando a causa morte é droga. Sem uma estatística completa sobre a situação, será difícil realizar qualquer programa de prevenção que esteja enquadrado com uma política pública adequada para combater o problema. Fazer somente campanhas, podemos dizer que vem de políticas das ditaduras, pois não surtem efeito por si só.

Ó que ajuda amenizar a situação atual é um programa de redução de danos e uma boa formação de recursos humanos para o setor que

trabalha com o problema das drogas. O grande entrave é que não temos nenhum aporte significativo de recursos públicos para esse setor. O que existe são pessoas bem intencionadas que formam as Organizações Não-Governamentais, que com muitos esforços lutam para ajudar usuários de drogas.

O problema do consumo do crack não é um caso de polícia, e sim de assistência social, saúde e educação. Tratar a questão do consumo de drogas com repressão não resolverá a situação presente.

Seja qual forma for: colocar polícias nas ruas, comprar viaturas, organizar batalhões de choque para batidas corriqueiras não resolverá a situação da violência fomentada pelo consumo de crack. A situação é muito mais séria do que imaginamos, e a sociedade vem percebendo a conta-gotas essa situação. Hoje, infelizmente não temos nenhuma política social pública de prevenção contra a droga e de apoio ao usuário e tratamento. A juventude se sente órfão e a maldição da pedra inseticida passa ao seu lado dia a dia.

* Cientista Político e membro do Centro de Direitos Humanos e Violência da Univ. Federal do Paraná (UFPR). Publicado por Adital.

AMOR e FELICIDADE no EVANGELHO

Jorge Leão*



O amor é a realização da essência da mensagem do Cristo. No amor, está centrada a figura do aprendizado, que vivifica a experiência de um não distanciamento com as vicissitudes do mundo. Livre de interesses imediatos, o amor vai além da estreita abordagem entre ação e reação. Em vários cenários, faz-se uma tentativa de dar respostas a uma exigência de simplicidade e beleza, que acaba sendo confundida com uma habilidade de persuasão. Isto é, vende-se uma imagem de que é necessário dar uma resposta de igual intensidade àquilo que julgamos ser adequado. Na própria abordagem do Evangelho, o exemplo dos milagres acaba trazendo muitas confusões, sobretudo quando da ligação com o amor. Assim, atualmente observa-se que para o trabalho de garantia de um poder religioso instituído, a figura de Jesus parece ser a de um Mestre com obrigação de dar cura de um mal, estreitando a relação de

sua mensagem com a de nossos desequilíbrios existenciais. No âmbito social, cumpre-se a função de dar fôlego à filantropia, no sentido de práticas assistenciais. O amor acaba sendo confundido com uma prática de bem feitoria. Por vezes, a dificuldade recai sobre a importância que projetamos às ações que realizamos. É já conhecido caminho do reconhecimento. Coisa que aparentemente atrai uma multidão de olhos curiosos para os efeitos da ação.

Entretanto, seguindo a mensagem do Evangelho do Cristo, o amor deve ser uma atitude de fidelidade com o Reino de Deus, experienciado no coração dos homens, sendo que nenhuma prática imediata de recompensa pode justificar um bem realizado. O amor realizado pelo exemplo de Jesus é incondicional, sem fronteiras, não escolhe rostos, não justifica seus gestos pela necessidade de uma recompensa futura, nem delimita grupos ou partidos. Ele ama simplesmente, de modo a não olhar nenhum resultado ou efeito do ato realizado. Se realmente for feito por amor, o amor se faz por amar.

Com efeito, qualquer palavra ou gesto somente toma significado real para a mensagem

do Cristo quando de sua sincera abertura ao mandamento do amor. É neste sentido que o Evangelho do Cristo nos orienta: "Se me amais, observareis meus mandamentos" (Cf. Jo 14, 15). Por isso, ele também nos diz: "eis que eu vos dou um novo mandamento; amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Cf. Jo 13,34).

A nova aurora que se abre aos olhos do mundo estampa a doce figura de uma mensagem que se manifesta no cotidiano da vida. Toda ação amorosa é, com isso, um sinal de luz para o fecundo trabalho de construção da paz e da justiça. Quem ama, se lança como instrumento da paz no meio do mundo. Ele jamais se esconde dos desafios do mundo, que se manifestam de modos múltiplos.

Por isso, a fonte de vida brota do amor, que é sempre entrega gratuita diante das injustiças e desigualdades sociais, preconceitos de ordem religiosa, política, sexual ou étnica, que devem ser denunciadas pelos discípulos do Mestre.

No caso da temática religiosa, o amor supera também

todos os limites de várias concepções que ainda nos mantêm presos a dogmas estreitos. O amor expande a visão do ser humano para o olhar da verdadeira religião, que é o serviço gratuito à causa da paz. É neste sentido que a palavra do Cristo nos adverte: "deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vos dou como o mundo dá" (Cf. Jo 14, 27). Nós justificamos o dom da gratuidade pela intensidade de nossa entrega sincera a uma causa justa. E isto vale mais do que qualquer concepção tida acerca de Deus.

Portanto, não seremos julgados pela religião que professamos na terra, mas pela intensidade de amor que formos capazes de dar por nossa passagem por este mundo, sobretudo aos que mais necessitarem. Neste sentido, pode-se dizer que nos realizamos como seres humanos à medida que formos capazes de amar de modo incondicional.

**Professor de Filosofia do CEFET-MA e membro do Movimento Familiar Cristão, em São Luís, Maranhão.*

"Nos domínios da alma, a Terra jaz repleta de divisões, barreiras, preconceitos, privilégios, prioridades, convenções e classes, prejudicando o estabelecimento da harmonia e da segurança entre os homens."

Francisco Cândido Xavier

América Latina: aprofundamento ou restauração?

Emir Sader *

Três acontecimentos simultâneos refletem, em direções distintas, os dilemas latinoamericanos atuais: o golpe em Honduras, a derrota eleitoral dos Kirchner na Argentina e a escolha dos candidatos a presidente para as eleições uruguaias. Os três apontam para o tema da continuidade e aprofundamento dos processos de transformação que estão vivendo grande parte dos países latinoamericanos ou a restauração conservadora, com o retorno da direita aos governos da região.

até então vigente no país. O golpe, por sua vez, dado pela cúpula do Judiciário, das FFAA e do Congresso, expressa a inércia das forças conservadoras que sempre dirigiram a Honduras. Zelaya, filho desgarrado do Partido Liberal que, em rodízio com o Partido Conservador, dirigiram por décadas o país, de forma praticamente harmônica.

Como sinal dos tempos e da perda de influência norte-americana, especialmente durante o governo Bush, a onda de novos governos no continente



O golpe em Honduras - que tem possibilidade de ser revertido pela rejeição internacional e pelas mobilizações populares internas - aponta para a tentativa do presidente Zelaya de obter um segundo mandato via referendo, para dar continuidade ao processo recém iniciado de transformações internas na contracorrente do neoliberalismo

chegou à América Central, através da Nicarágua, de Honduras e, mais recentemente, de El Salvador. A direita, comandada pela imprensa oligárquica - similar à que se estende a praticamente todo continente - , se precipitou e pode pagar um preço caro por isso. Zelaya termina seu mandato no fim do ano, já havia afirmado que a consulta informal, caso

levasse à introdução da reeleição, não afetaria seu mandato, que terminaria em janeiro de 2010.

Confirmado que se pode tudo com as baionetas, o golpe dificilmente viabilizará o governo que pretende se instalar. Resta saber se Zelaya retornará enfraquecido, cumprindo o final do mandato sem capacidade de iniciativas, abandonando o referendo. Ou se sentirá fortalecido, retomando a consulta e punindo pelo menos alguns dos golpistas. Caso ocorra esta segunda hipótese, o tiro terá saído pela culatra para a direita e Zelaya poderá dar continuidade ao processo de transformações recém iniciado em Honduras. Se a ofensiva fracassa, como havia acontecido com as aquelas contra Hugo Chávez, contra Lula, contra Evo Morales e contra os Kirchner, se consolida a idéia de que o contexto continental impede novos golpes militares, notícia importante para os governos progressistas e, na área, para o recém começado governo de Mauricio Funes em El Salvador, em particular.

A derrota eleitoral do governo Kirchner se dá no marco da contraofensiva da direita, iniciada com a mobilização do campo contra a elevação de impostos, no cenário dos ganhos monstruosos que, especialmente a exportação de soja, permitiu nos últimos anos na Argentina. Aproveitando-se do erro do governo de taxar a grandes, médios e pequenos proprietários

de maneira indiferenciada, favorecendo a unificação do campo sob a direção dos grandes exportadores sojeros, a direita conseguiu articular aliança desses setores com a classe média branca de Buenos Aires, colocando o governo na defensiva. As eleições refletem essa mudança na relação de forças entre governo e oposição, com o governo perdendo maioria no Parlamento e condenando a Cristina Kirchner a difíceis 2 anos e meio, alem de alentar a direita para a possibilidade de conseguir derrubar o primeiro dos governos progressistas eleitos na região.

No Uruguai, o candidato que mais diretamente expressa a possibilidade de aprofundamento da superação do modelo herdado por Tabaré Vasquez, é seu ex-ministro da agricultura, Pepe Mujica, ex-dirigente tupamaro, que derrotou o candidato da preferência de Tabaré, o moderado Danilo Astori, ex-ministro da economia. Aqui, sendo favorito para ganhar as presidenciais, Mujica aponta para o aprofundamento das transformações começadas no Uruguai, enquanto na Argentina se aponta para o risco de uma restauração conservadora e em Honduras, depende do desenlace da crise. Trata-se dos mesmos dilemas do Brasil nas eleições presidenciais de 2010.

* Filósofo, cientista político professor da UERJ, onde coordena o Laboratório de Políticas Públicas. Publicado por Adital.

BIFURCAÇÃO da HUMANIDADE

Leonardo Boff *



No início do ano os vinte países mais ricos do mundo (G-20) se reuniram em Londres para encontrar saídas à crise econômico-financeira mundial. A decisão de base foi continuar no mesmo caminho anterior à crise, mas com controles e regulações a partir de uma presença maior do Estado na economia. Os controles seriam pelo tempo necessário à superação da crise, a fim de evitar o colapso global e as regulações para restaurar o crescimento e a prosperidade com a mesma lógica que vigorou antes.

Esta opção implica continuar com a exploração dos recursos naturais que devastam os ecossistemas e fazem aumentar o aquecimento global e o fosso social entre ricos e pobres. Se isso prosperar dentro de pouco enfrentaremos crise da mesma natureza, pois as causas não foram eliminadas. Acresce ainda

o fato de que os restantes 172 países (ao todo são 192) sequer foram ouvidos e consultados. Pensou-se em ajudá-las mas com migalhas. Efetivamente, toda a África, o continente mais vulnerável, seria socorrida com menos fundos que o governo dos EUA aplicou para salvar a General Motors.

O impacto perverso da crise sobre os países de baixo ingresso apresenta-se aterrador. Estima-se que, enquanto durar a crise, mais de 100 milhões de pessoas caiam cada ano na extrema pobreza e um milhão de postos de trabalho se perderão por mês. Tal fato fez com que o Presidente da ONU, Miguel d'Escoto Brokmann, imbuído de alto sentido humanitário e ético, convocasse uma reunião de alto nível que reunisse os 192 representantes dos povos para juntos discutirem entre si a crise e buscarem soluções inéditas. Isso ocorreu nos dias 24-26 de junho do corrente ano nos espaços da ONU. Todos falaram. Era impactante ouvir o clamor que vinha das entranhas da Humanidade: os ricos lamentando os trilhões em perdas de seus negócios e os pobres denunciando o aumento da miséria de seu povo.

Muitas vozes soaram claras: não bastam controles e regulações que acabam beneficiando os que provocaram a crise. Faz-se urgente um novo paradigma que redefina a relação para com a natureza com seus recursos escassos, o propósito do crescimento e o tipo de civilização planetária que queremos. Importa elaborar uma Declaração do Bem Comum da Humanidade e da Terra que oriente ética e espiritualmente o sentido da vida neste pequeno planeta.

Depois de um intenso trabalho previamente feito por uma comissão de experts, presidida pelo Nobel de economia Joseph Stiglitz e com as colaborações vindas de quatro mesas redondas e da Assembléia Geral concertou-se um documento detalhado que ganhou o consenso dos 192 representantes dos povos. O perigo coletivo facilitou uma convergência coletiva, uma raridade na história da ONU.

O documento prevê medidas inéditas especialmente para salvar os mais vulneráveis sob coordenação de várias instituições internacionais, articuladas entre si. Mas, o mais importante é a apresentação de um programa de reformas sistêmicas que prevê um sistema mundial de reservas com direitos especiais de giro, reformas de gestão do FMI e do Banco Mundial, regulações internacionais dos mercados financeiros e

do comércio de derivados e principalmente a criação de um Conselho de Coordenação Econômica Mundial equivalente ao Conselho de Segurança. Desta forma se presume garantir um desenvolvimento estável e sustentável.

O fato desta cúpula mundial é gerador de esperança, pois a humanidade começa a olhar para si como um todo e com um destino comum. Mas todas as soluções se orientam ainda sob o signo do desenvolvimento, o fator principal gerador da crise do sistema-Terra. Ele tem que ser trocado por um "modo sustentado geral de viver", caso contrário assistiremos à bifurcação da humanidade, entre os que desfrutam do desenvolvimento e os que são vítimas dele. Não chegamos ainda ao novo paradigma de convivência Terra-Humanidade, forjador de uma nova esperança.

O próximo futuro, dizia o Presidente da Assembléia, será pela utopia necessária que precisamos construir para permanecermos juntos na mesma Casa Comum.

* Teólogo, filósofo e escritor. Membro do corpo de assessores do Presidente da Assembléia da ONU e com este título participou dos trabalhos ali realizados.

Publicado por Adital.

CARITAS in VERITATE

Dom Demétrio Valentini *



Foi publicada recentemente a nova encíclica do Papa, com o nome emblemático de "Cáritas in Veritate", "Caridade na verdade". É a terceira do pontificado de Bento 16, depois da "Deus Cáritas est", e da "Spe Salvi". Veio cercada de muitas expectativas. Anunciada com insistência pelo próprio Papa, esta encíclica de caráter social acabou ligada ao contexto de crise por que passa hoje o mundo. Sua publicação foi adiada em vista desta crise. Sinal de que o seu conteúdo pretende ser a resposta da Igreja, mesmo que seu tema não se limite à crise.

Esta encíclica confirma a marca registrada do pontificado de Bento 16. Sobretudo pela insistência na palavra "Cáritas", usada em referência toda especial a Deus, o papa teólogo se esmera em colocar um fundamento bem sólido aos temas que ele aborda em suas alocuções. As três encíclicas trazem um raciocínio rigoroso e consequente, como desta vez ele o faz, conjugando o relacionamento entre caridade e verdade. Basta conferir uma de suas afirmações mais contundentes, ao afirmar que, sem a verdade, "o amor torna-se recipiente vazio, que se pode encher arbitrariamente. É o risco fatal do amor numa cultura sem verdade: acaba prisioneiro das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos, uma palavra abusada e adulterada, chegando a significar o oposto do que é realmente".

Outra referência importante para compreender esta nova encíclica social, é o fato de Bento 16 relacioná-la com a *Populorum Progressio*, de Paulo

VI. Este dado fornece o contexto deste documento, talvez mais eloquente do que o próprio texto.

Bento 16 faz questão de se colocar em continuidade com as encíclicas sociais anteriores, entre as quais ele destaca a *Populorum Progressio*, que ele chega a definir com a "Rerum Novarum" dos tempos atuais.

Assim fazendo, Bento 16 situa sua encíclica num contexto mais amplo, e muito significativo para os dias de hoje. Trata-se da referência ao Concílio, do qual ele fala explicitamente, recordando que a *Populorum Progressio* nasceu do ambiente conciliar. Como sabemos, a idéia de uma encíclica que abordasse a questão do desenvolvimento nasceu no concílio. Pela premência em concluir logo o concílio, e por não encontrar a convergência suficiente entre os bispos em torno de assuntos tão complexos como os ligados ao desenvolvimento, Paulo VI decidiu assumir o tema em forma de uma encíclica, como de fato ele acabou fazendo logo depois de terminado o concílio, em 1967.

Portanto, retomando a *Populorum Progressio*, Bento 16 dá um claro recado a todos, de que o Vaticano II ainda está vigente, e permanece como a grande referência

não só para os assuntos internos da Igreja, mas também para balizar as posições da Igreja diante dos problemas sociais de hoje.

Percorrendo rapidamente os seus capítulos, percebe-se que Bento 16 abre um leque muito amplo, dentro do qual ele encontra lugar para abordar as complexas questões enfrentadas hoje pelo desenvolvimento, como o meio ambiente, o sistema financeiro mundial, a função do mercado e a presença do Estado na regulação da economia.

Como todos hoje se perguntam pelos caminhos de saída da crise, com certeza esta encíclica do Papa será lida com muita atenção. Vamos aguardar as reações. Abordando questões que evoluem continuamente, como qualquer outra encíclica social, ela não é palavra final de nenhum assunto. Sua função é apontar critérios, e estimular a busca de soluções, que levem em conta o desenvolvimento integral de "todos os homens e do homem todo", para usar uma expressão de Paulo VI que está tão presente nesta encíclica de Bento 16.

**Bispo de Jales (SP) e Presidente da Cáritas Brasileira.*

Publicado por Adital

DEMOCRACIA RADICAL

Manfredo Araújo de Oliveira *

A partir das experiências que já fizemos na modernidade de sociedades coordenadas pelo Mercado e de sociedades coordenadas pelo Estado trata-se hoje antes de tudo de pensar como criar uma sociedade que possa abrir espaços para que se inicie e aprofunde um processo de realização do ser humano como ser livre e solidário nas condições de nosso mundo dito pós-moderno.

Há uma nova via em experimentação para a ruptura com a ditadura do capital nas empresas e na sociedade como um todo, buscando viabilizar outro tipo de configuração da vida social, em que a economia possa estar a serviço das necessidades reais das pessoas e da construção de relações integralmente humanas: é a substituição da coordenação pelo Mercado ou pelo Estado pela gestão coletiva dos meios de produção, executada pelos produtores livremente associados.

O que aqui está em jogo é uma economia sob controle

social, que tem na solidariedade seu valor ético fundamental, isto é, como nos diz Marcos Arruda, uma economia que "estriba a relação entre os sujeitos nos valores da cooperação, da partilha, da reciprocidade, da complementariedade e da solidariedade". Trata-se de um modo de produzir em que o poder é "centrado na sociedade de pessoas que trabalham e criam com autonomia e liberdade" em contraposição às sociedades em que o Mercado ou o Estado dirigem o processo uma vez que nelas as decisões são submetidas ao automatismo do mercado ou à burocracia estatal o que conduz ao esvaziamento da eficácia da democracia política.

A primeira consequência básica é a erradicação do regime de segregação social em todas as dimensões da sociedade. Aqui a idéia fundamental é que os trabalhadores associados podem organizar-se em empresas auto-gestionárias; ou seja, aquelas em que o poder está centrado nas pessoas que trabalham com autonomia e assim desafiar a hegemonia plena das relações capitalistas de produção.

Muda-se aqui a própria significação que possui a

economia nas sociedades da competição: ela não é mais o fim da vida humana, mas se reduz a um instrumento fundamental para garantir a reprodução material de todos.

Para M. Arruda é fundamental, neste processo de reconfiguração da vida coletiva, "a construção de um movimento cooperativista autogestionário, solidário e popular, cuja estratégia seja ir tecendo pouco a pouco os fios de relações cooperativas e solidárias não apenas na esfera do consumo, mas também nas esferas produtiva, comercial e financeira, com vistas a "transsubstanciar" a economia do capital numa economia cooperativa e solidária". As relações de cooperação em princípio podem ser estendidas às pessoas, às empresas, às regiões, às nações, à ordem global através de redes de complementariedade a fim de criar "uma civilização de sustentação de toda a vida em consorciação com a natureza e com todos os povos".



**Doutor em Filosofia e professor da UFC. Presidente da Adital*

Neste contexto, não se propugna nem o fim do Mercado, nem do Estado, mas repensá-los, enquanto formas de relação social, e reconfigurá-los pondo-os a serviço de objetivos sociais e ecológicos e controlá-los pelos cidadãos na medida em que estes se fazem, através das novas instituições, sujeitos da economia e da política.

Na esfera da economia, isto significa que os produtores associados regem no nível nacional, regional e mundial, conscientemente seu intercâmbio com a natureza; isto é, o planejamento, a produção e a distribuição de bens, e submetem este processo a um controle social, ao invés de serem dominados por uma lógica que se impõe a eles. Os direitos devem constituir as regras que enquadrem o Estado e o Mercado nos objetivos novos o que deve conduzir à construção de um novo paradigma de configuração da vida social em última instância em nível mundial. O mérito destas experiências está, em primeiro lugar, em ensaiar este mundo de instituições novas, através de que se faz possível implementar esta forma alternativa de organizar a vida coletiva.

Educação e exercício do poder

Jorge La Rosa*

A educação é um processo que acompanha o ser humano ao longo de sua vida, e que permeia as mais variadas dimensões de sua personalidade – para falar em apenas uma de suas áreas, a afetiva, constitui perene desafio na trajetória terrestre. Quem pode dizer que atingiu o máximo em desenvolvimento emocional? – Só quem desconhece a si mesmo ou está de má fé.

Um dos mais complexos desafios está no exercício do poder – certamente necessário para a existência da "polis" enquanto estabelece os ordenamentos indispensáveis para reger as relações entre as mais variadas instâncias: entre pessoas, entre instituições, entre pessoas e instituições, entre pessoas e o Estado, entre os Estados nacionais, e de todas as instâncias com a natureza. O poder, então, e o seu exercício são fundamentais, sem eles nenhuma sociedade se constituiria.

Espaços do poder

O poder é exercido nos mais variados ambientes, espaços e territórios. Os pais exercem poder no ambiente doméstico enquanto determinam normas e regras que filhos deverão obedecer para seu próprio bem e desenvolvimento: pais autoritários abusam do poder enquanto estabelecem normas arbitrárias e punições

desproporcionadas; pais omissos deixam de exercer o poder de educar, e abandonam os filhos ao seu arbítrio.

O poder é exercido no espaço público, no trânsito, por exemplo, onde a autoridade estabelece os lugares de estacionar e aqueles nos quais é proibido; determina, ainda, a velocidade máxima permitida, o modo de ultrapassar outro veículo, e muitas outras normas – as quais, todas, a serviço do bem comum. O poder é exercido pelo Estado enquanto regula as relações entre empregados e patrões, na empresa, ou quando determina o imposto a pagar pelo território ou espaço do qual o indivíduo é detentor. Enfim, a vida dos cidadãos, o funcionamento das instituições e as relações entre países são regulados por leis emanadas por autoridades investidas de poder, legítimo, reconhecido e instituído pelas respectivas instâncias. O poder, então, é inerente à autoridade, seja ela no âmbito doméstico ou público, e está orientado para promover o bem comum através de normas e leis.

Mas há, no exercício do poder, o risco de abuso.

Abusos de poder

O Brasil, estarrecido, tem observado o abuso de poder em uma de suas instituições que justamente o constitui, o Senado

— e que agora vem a público.

Estamos informados das centenas de atos secretos que não foram publicados no Diário Oficial e que se arvoraram como atos legais, ao menos para prover os benefícios e vantagens para seus destinatários, enquanto o povo brasileiro os ignorava. Foram realizados, como se diz, na calada da noite, e nos porões do Senado — o que só deteriora a Instituição

Péssimo exemplo para os comuns dos mortais, se na Câmara Alta se praticam essas ilegalidades com acentuada tonalidade antiética, não se pode esperar que os representados ajam de modo diferente; pelo contrário, está estimulando o descumprimento da lei por vias tortuosas e ocultas: a esperança, contudo, é que o comum dos mortais seja sobranceiro e ultrapasse esse legado — afinal, no povo sempre existe uma reserva moral que não se deixa contaminar, e permite entrever o amanhã com renovada esperança.

Diremos que essas pessoas que burlaram a lei não foram educadas para o exercício do poder, mas fizeram dele um meio para favorecer indivíduos, grupos e instituições, com prejuízo da ética e de todas as normas de convivência

Questões para refletir:

- 1) *Como os pais devem evitar o autoritarismo e a omissão no exercício do seu poder e dever de educar?*
- 2) *Como devemos reagir aos abusos de poder?*

na República Federativa do Brasil.

A concepção cristã de poder

Há uma passagem no Evangelho de Mateus na qual Jesus fala do exercício do poder. Mas, antes, é preciso dizer que todo o poder legítimo procede de Deus, nele se origina: com isso não queremos dizer que ditadores tenham justificado seu poder, ou que quem burla as eleições esteja na mesma situação, ou ainda, que grupos golpistas detentores de força e munição justifiquem a autoridade de que se investiram — isso tudo está longe de uma concepção cristã de autoridade. O poder não pode ser usurpado, ele é delegado livremente pelo povo na sociedade civil.

Voltemos ao texto de Mateus (20, 24-28), lapidar:

“Sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo. Desse modo, o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir...” (Bíblia de Jerusalém).

** Professor universitário.
Doutor em Psicologia*

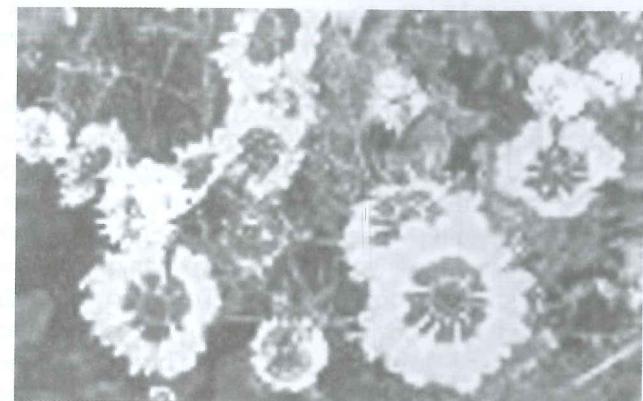
Flores da Primavera

*Pe. Alfredo J. Gonçalves**

Abre-se a primavera. Estação das flores, das cores e dos amores. Vale a pena parar um pouco para contemplar, meditar, refletir. Que nos dizem a flor e a primavera?

Primeiro, seu sorriso livre, gratuito e aberto constitui por si só uma linguagem sem palavras. Linguagem que, em harmonia com o canto dos pássaros, o brilho do sol

levanta do chão. Busca o ar livre, o céu, a luz e o sol, mas depois de mergulhar as raízes na terra. Antes de crescer para cima, cresce para baixo. Sonha com o horizonte, mas com os pés firmes no chão da história. Aliás, a flor costuma ser tanto mais bela quanto mais árido e agreste é o solo. Os sonhos, como transfiguração das carências, também costumam ser mais belos



e das estrelas, o olhar das crianças e dos animais, o sussurro da brisa e da água, forma a grande sinfonia do universo. Um mundo em música e em festa, como um jardim florido, ao redor do qual as abelhas entoam o hino da fecundação!

Mas a flor tem outras lições. Como a espiga, como o edifício, ou como o poema, ela se

e radicais nos porões e periferias da sociedade.

Nas asas da brisa e na dança dos pássaros, voa o pólen das flores. Mas para voar, além de asas, é preciso ter pés. As pétalas se vestem de luz somente quando as raízes buscam os nutrientes que vêm do chão escuro, frio e úmido. Projetos que não tenham

os alicerces firmes na rocha do contexto histórico serão facilmente arrastados pelo vento. Manipulados pelos furacões oportunistas da política.

Também impressiona a gratuidade da flor. Entrega-se à contemplação sem nada exigir em troca. Sendo efêmero, seu brilho parece mais vivo e colorido. Como se tivesse consciência de sua passagem fugaz pela face da terra, doa-se com toda a intensidade. Faz lembrar Fernando Pessoa: "para ser grande, sé inteiro: nada teu exagera ou exclui"! A passagem pela vida é breve e única. Por isso a flor se reveste da mais bela roupagem, antes de murchar e desaparecer para sempre. O perfume e a beleza são de tal magnitude que compensam seu desfile meteórico aos olhos dos viajantes.

Em sua gratuidade, a flor revela-se, ao mesmo tempo, forte e frágil. Como o amor, de que é o símbolo por excelência, vê-se impotente diante das intempéries. Acariciada pela brisa, ela pode ser devastada pela impetuosidade dos ventos. Mas estes, no dizer do poeta, embora possam destruir as flores, jamais impedirão o retorno da primavera.

A flor orienta-se pela luz, busca a luz e dela se nutre. O nome do girassol traduz exatamente isso. O mais interessante é que, mesmo

de noite, ele insiste em seguir o sol. Baixa o olhar para o solo como se adivinhasse que o astro rei encontra-se lá, do outro lado do planeta. Mesmo no escuro, segue fielmente a trajetória da luz. Sabe que as trevas são passageiras e que a nova aurora não tarda.

Impressiona, ainda, a diversidade das flores. Profusão de cores e tons, roupas e formatos. Inútil perguntar se a rosa é mais bela que o crisântemo, ou se o cravo é mais perfumado que a magnólia. Elas não são melhores nem piores, umas em relação às outras. São diferentes! E é justamente essa diferença que toma belo o jardim. Para brilhar, nenhuma necessita apagar o sorriso da outra. Todas e cada uma em particular encontram seu espaço na harmonia do conjunto. Hoje corremos o risco de destruir as flores e o jardim, a natureza e o planeta. Reduzimos tudo a valor monetário, a lucro e acumulação de capital sobre capital. Está em jogo a vida, o oxigênio, a biodiversidade. Que esta estação nos ensine a lição das flores, junto com a necessidade de fazê-las brotar, nem que seja na pedra, no concreto no asfalto. Só assim estaremos avançando para a eterna primavera!

**Assessor das Pastorais Sociais.
Publicado por Adital*

"Não é trabalho do poeta contar as coisas como aconteceram, mas como desejaríamos que tivessem acontecido." Garcia Bacca

O JARDIM

*Rubem Alves**

Um amigo me disse que o poeta Mallarmé tinha o sonho de escrever um poema de uma palavra só. Ele buscava uma única palavra que contivesse o mundo. T.S. Eliot no seu poema O Rochedo tem um verso que diz que temos "conhecimento de palavras e ignorância da Palavra". A poesia é uma busca da Palavra essencial, a mais profunda, aquela da qual nasce o universo. Eu acho que Deus, ao criar o universo, pensava numa única palavra: Jardim! Jardim é a imagem de beleza, harmonia, amor, felicidade. Se me fosse dado dizer uma última palavra, uma única palavra, Jardim seria a palavra que eu diria."

Depois de uma longa espera consegui, finalmente, plantar o meu jardim. Tive de esperar muito tempo porque jardins precisam de terra para existir. Mas a terra eu não tinha. De meu, eu só tinha o sonho. Sei que é nos sonhos que os jardins existem, antes de existirem do lado de fora. Um jardim é um sonho que virou realidade, revelação de nossa verdade interior escondida, a alma nua se oferecendo ao deleite dos outros, sem vergonha alguma... Mas os sonhos, sendo coisas belas, são coisas fracas. Sozinhos, eles nada podem fazer: pássaros sem asas... São como as canções, que nada são até que alguém as cante; como as sementes, dentro dos pacotinhos, à espera de alguém que as liberte e as plante na terra. Os sonhos viviam dentro de mim. Eram posse minha. Mas a terra não me pertencia.

O terreno ficava ao lado da minha casa, apertada, sem espaço, entre muros. Era baldio, cheio de lixo, mato, espinhos, garrafas quebradas, latas enferrujadas, lugar onde moravam assustadoras ratazanas que, vez por outra, nos visitavam. Quando o sonho apertava eu encostava a escada no muro e ficava espiando.

Eu não acreditava que meu sonho pudesse ser realizado. E até andei procurando uma outra casa para onde me mudar, pois constava que outros tinham planos diferentes para aquele terreno onde viviam os meus sonhos. E se o sonho dos outros se realizasse, eu ficaria como pássaro engaiolado, espremido entre dois muros, condenado

à infelicidade.

Mas um dia o inesperado aconteceu. O terreno ficou meu. O meu sonho fez amor com a terra e o jardim nasceu.

Não chamei paisagista. Paisagistas são especialistas em jardins bonitos. Mas não era isto que eu queria. Queria um jardim que falasse. Pois você não sabe que os jardins falam? Quem diz isto é o Guimarães Rosa: "São muitos e milhões de jardins, e todos os jardins se falam. Os pássaros dos ventos do céu - constantes trazem recados. Você ainda não sabe. Sempre à beira do mais belo. Este é o Jardim da Evanira. Pode haver, no mesmo agora, outro, um grande jardim com meninas. Onde uma Menininha, banguelinha, brinca de se fazer Fada... Um dia você terá saudades... Vocês, então, saberão..." É preciso ter saudades para saber. Somente quem tem saudades entende os recados dos jardins. Não chamei um paisagista porque, por competente que fosse, ele não podia ouvir os recados que eu ouvia. As saudades dele não eram as saudades minhas. Até que ele poderia fazer um jardim mais bonito que o meu. Paisagistas são especialistas em estética: tomam as cores e as formas e constróem cenários com as plantas no espaço exterior. A natureza revela então a sua exuberância num desperdício que transborda em variações que não se esgotam nunca, em perfumes que penetram o corpo por canais invisíveis, em ruídos de fontes ou folhas... O jardim é um agrado no corpo. Nele a natureza se revela amante... E como é bom!

Mas não era bem isto que eu queria. Queria o jardim dos meus sonhos, aquele que existia dentro de mim como saudade. O que eu buscava não era a estética dos espaços de fora; era a poética dos espaços de dentro. Eu queria fazer ressuscitar o encanto de jardins passados, de felicidades perdidas, de alegrias já idas. Em busca do tempo perdido... Uma pessoa, comentando este meu jeito de ser, escreveu: "Coitado do Rubem! Ficou melancólico. Dele não mais se pode esperar coisa alguma..." Não entendeu. Pois melancolia é justamente o oposto: ficar chorando as alegrias perdidas, num luto permanente, sem a esperança de que elas possam ser de novo criadas. Aceitar como palavra final o veredito da realidade, do terreno baldio, do deserto. Saudade é a dor que se sente quando se percebe a distância que existe entre o sonho e a realidade. Mais do que isto: é compreender que a felicidade só voltará quando a realidade for transformada

pelo sonho, quando o sonho se transformar em realidade. Entendem agora por que um paisagista seria inútil? Para fazer o meu jardim ele teria que ser capaz de sonhar os meus sonhos...

Sonho com um jardim. Todos sonham com um jardim. Em cada corpo, um Paraíso que espera... Nada me horroriza mais que os filmes de ficção científica onde a vida acontece em meio aos metais, à eletrônica, nas naves espaciais que navegam pelos espaços siderais vazios... E fico a me perguntar sobre a perturbação que levou aqueles homens a abandonarem as florestas, as fontes, os campos, as praias, as montanhas... Com certeza um demônio qualquer fez com que se esquecessem dos sonhos fundamentais da humanidade. Com certeza seu mundo interior ficou também metálico, eletrônico, sideral e vazio... E com isto, a esperança do Paraíso se perdeu.

Pois, como o disse o místico medieval Angelus Silésius:

"Se, no teu centro um Paraíso não puderdes encontrar, não existe chance alguma de, algum dia, nele entrar."

Este pequeno poema de Cecília Meireles me encanta, é o resumo de uma cosmologia, uma teologia condensada, a revelação do nosso lugar e do nosso destino:

"No mistério do Sem-Fim, equilibra-se um planeta. E, no planeta, um jardim, e, no jardim, um canteiro: no canteiro, uma violeta, e, sobre ela, o dia inteiro, entre o planeta e o Sem-Fim, a asa de uma borboleta."

Metáfora: somos a borboleta. Nossa mundo, destino, um jardim. Resumo de uma utopia. Programa para uma política. Pois política é isto: a arte da jardinagem aplicada ao mundo inteiro. Todo político deveria ser jardineiro. Ou, quem sabe, o contrário: todo jardineiro deveria ser político. Pois existe apenas um programa político digno de consideração. E ele pode ser resumido nas palavras de Bachelard: "O universo tem, para além de todas as misérias, um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso." (O retorno eterno, p 65).

Transcrito do site "A Casa de Rubem Alves"

JESUS CRISTO -

ESSE GRANDE DESCONHECIDO

Como teria sido a música composta por Bach se Jesus não tivesse existido? Como seriam as pinturas de Michelangelo, Rafael, El Greco? Como estaria a humanidade sem sua passagem pela Terra? Com toda certeza, este personagem carismático deixou suas marcas na história do mundo. Em *JESUS, esse grande desconhecido*, Juan Arias nos mostra um Jesus Cristo humano: um personagem histórico que vai além do Jesus da fé, alguém praticamente desconhecido até para seus seguidores, mais fiéis.

Este não é um livro religioso. Antes de mais nada, é uma rigorosa investigação de cunho jornalístico que nos mostra com grande erudição as questões e contradições que rodeiam a figura de Jesus, sua personalidade, sua vida e seu obra.

JESUS, esse grande desconhecido é uma obra definitiva para se distinguir mito e realidade na vida do profeta judeu da Galiléia que deu origem à Igreja Católica. Um livro rigorosamente documentado mas que não deixa de ser polêmico. Uma leitura obrigatória para fiéis e ateus.

J E S U S é, sem dúvida, a figura histórica a respeito de quem mais se escreveu. O personagem de maior repercussão na história dos últimos vinte séculos e que influenciou profundamente a vida, a arte, a cultura, os costumes e as consciências das milhares de pessoas que crêem Nele.

Em Jesus, esse grande desconhecido, Juan Arias procura responder a essas perguntas tão freqüentes. Fruto de exaustiva pesquisa, o livro apresenta a história do homem de Nazaré de forma direta e acessível. Num relato de cunho jornalístico, revela-nos um Jesus como nunca se viu antes.

Sobre o autor

Juan Arias, escritor e jornalista, cursou teologia, filosofia, psicologia, línguas semíticas e filologia comparada na Universidade de Roma. Durante quatorze anos foi correspondente na Itália e no Vaticano para o jornal espanhol *El País*. Antes disso, cobriu para o jornal *Pueblo* trabalhos do II Concílio Vaticano. Viajou inúmeras vezes ao redor do mundo acompanhando os papas Paulo VI e João Paulo II. Na biblioteca do Vaticano, descobriu o único códice existente escrito no dialeto de Jesus de Nazaré,

procurado ao longo de séculos.

É autor de vários livros, publicados em mais de dez idiomas, entre eles: *El Dios en quien non creo*; *Savater: El arte de vivir*; *José Saramago: El amor posible*; *El Dios de papa Wotyla*; *As confissões de um peregrino (conversas com Paulo Coelho)*, publicado pela Objetiva, cujos direitos foram adquiridos em dezesseis países; *Um Deus para 2000*, com poemas de Roseana Murray.

Recebeu o *Premio a la Cultura de La Presidencia Del Gobierno e o Castiglione de Sicilia* como o melhor correspondente no Brasil para *El País* e membro do Comitê Científico do Instituto Europeu de Design.

Alguns trechos significativos:

“Num mundo em que reina a imaturidade, a incapacidade de se relacionar, de abrir novos tipos de encontro entre os homens, numa sociedade em que as pessoas temem o próximo por temer a Deus e se trancam em suas casas e vêem o outro mais como inimigo do que como próximo, Jesus foi “o revelador de novas relações humanas”.

“Uma prova de que Jesus sabia que a infelicidade provém não apenas dos demônios exteriores do poder, daqueles que causam dor ao homem, mas também dos demônios interiores, da escravidão do inconsciente, da escuridão que levamos dentro e não conseguimos ou temos

medo de iluminar, está em sua insistência para que o homem não acumule motivos de desespero, e angústia, de desejos inatingíveis. Por isso pregava a simplicidade da vida, o desapego das coisas, o saber viver livre e confiante como os pássaros do céu. Essa é sua receita”.

“Mas é evidente que a



felicidade proposta no programa de Jesus, apesar de ser uma receita fácil, exige ingredientes difíceis de trabalhar, como a sabedoria de não querer viver acima das nossas possibilidades, muito menos à custa da infelicidade dos outros; a clarividência de que, para iluminar de alegria nossa casa interior, é necessário antes passar pela cegueira causada pela fumaça anterior ao fogo. E que, no final das contas, a felicidade não consiste em possuir muito, mas em não desejar mais do que somos capazes de saborear em paz e em harmonia, compartilhando-o com os outros”.

“Uma importante revelação feita por Jesus foi a de que o Deus que ele anunciava tinha um estranha preferência, que ia na contramão das preferências do mundo, pois ele amava tudo o que era frágil, fraco, o aviltado e



assolado pela dor. Isso significava um grande desafio e ao mesmo tempo provava que é possível atingir o impossível, pois nada mais impossível, num mundo em que só os deuses e os poderosos podem dar-se ao luxo da fazer milagres e de ser felizes, que anunciar que, ao contrário, serão aqueles desprezados da terra os que hão de entender melhor do que ninguém o que são certas felicidade inalcançáveis para os que acreditam que tudo têm e tudo podem".

"Já se disse que o homem é a medida de todas as coisas. As Igrejas dedicaram boa parte de seu tempo a estudar quem é Deus em vez de analisar quem é o homem, que é a realidade que temos nas mãos, e só através dela poderemos, talvez, imaginar o rosto do divino, e não o contrário".

"Mas Jesus não foi um deus do Olimpo, acima dos homens. O que sempre o aproximou da humanidade, sobretudo da sofredora, foi que ele nunca se

envergonhou de ser o que todos somos: um projeto inacabado de humanidade, um feixe de desejos irrealizáveis, uma sede de infinito e uma terrível capacidade de produzir felicidade ou infelicidade".

"Um dos grandes erros da Igreja Católica foi negar-se a entender que um traço fundamental da personalidade de Jesus de Nazaré, seu fundador, foi ter sido sempre um homem alérgico ao poder. Por isso se disse que o cristianismo, em sua essência, é a religião que mais claramente apresentou um Deus que "prefere os pobres e humildes" aos poderosos e abastados. E Jesus nunca escondeu sua aversão pelo poder que considerava responsável pela injustiças que afligiam os desvalidos".

"De qualquer modo, acho que o importante na história do profeta de Nazaré é que ele legou ao mundo um novo sentido para a morte: a convicção de que a morte não é algo definitivo e irreversível. Jesus teve a coragem ou a loucura de mudar o nome da morte. Para ele, o homem nunca morre para sempre. Os filhos de Deus que ele anunciarão são chamados a vencer a morte, a dar tal sentido à vida que a morte significa apenas parte de uma viagem, uma passagem, um trânsito para uma nova luz, ou como se queira interpretar".

Editora Objetiva

mães MÁS

Autor Desconhecido

Um dia quando os meus filhos forem crescidos o suficiente para entenderem a lógica que motiva os pais e as mães, eu hei de dizer-lhes:

"Eu os amei o suficiente para ter perguntado: onde vão, com quem vão e a que horas"

"Eu os amei o suficiente para hão ter ficado em silêncio, e fazer com que eles soubessem que aquele novo amigo não era boa companhia"

"Eu os amei o suficiente para fazê-los pagar pelas balas que tiraram da mercearia, ou revistas do jornaleiro e os fazer dizer ao dono: "Nós pegamos isto ontem e queríamos pagar".

"Eu os amei o suficiente para ter ficado em pé duas horas junto deles, enquanto limpavam o quarto: tarefa que eu teria feito em 15 minutos."

"Eu os amei o suficiente para deixá-los ver além do amor que eu sentia por eles, o desapontamento e também as lágrimas nos meus olhos."

"Eu os amei o suficiente para deixá-los assumir a responsabilidade das suas ações, mesmo quando as penalidades eram tão duras que me partiam o coração."

"Mais do que tudo, eu os amei o suficiente para dizer-lhes NÃO, quando eu sabia que poderiam me odiar por isso - e em alguns momentos até me odiaram."

Essas eram as mais difíceis batalhas de todas.

Estou contente, venci porque no final eles venceram também!

E qualquer dia, quando meus netos forem crescidos o suficiente para entenderem a lógica que motiva os pais e as mães, meus filhos vão lhes dizer quando eles lhes perguntarem se a sua mãe era má: "Sim...Nossa mãe era má! Era a mãe mais má do mundo..."

As outras crianças comiam doces no café da manhã, e nós tínhamos de comer cereais, ovos e torradas.

As outras crianças bebiam refrigerantes, comiam batatas fritas e sorvete no almoço, e nós tínhamos que comer arroz, feijão, carne, legumes e frutas.

E ela obrigava-nos a jantar à mesa, bem diferente das outras mães, que

FOTO, FATO e RAZÃO

*deixavam os filhos comerem vendo televisão.
Ela insistia em saber onde nós estávamos a toda hora - tocava nosso celular de madrugada.*

Era quase uma prisão; mamãe tinha que saber quem eram os nossos amigos e o que eles faziam.

Insistia que lhe disséssemos com quem íamos sair, mesmo que demorasse só uma hora ou até menos.

Nós tínhamos vergonha de admitir, mas ela violou as leis de trabalho infantil.

Nós tínhamos que tirar a louça da mesa, arrumar nossas bagunças esvaziar o lixo e todo o tipo de trabalhos que achávamos cruéis.

Eu acho que dormia à noite, pensando em coisas para nos mandar fazer.

Ela insistia sempre conosco para lhe dizermos a verdade, e apenas a verdade.

E quando éramos adolescentes, ela até conseguia ler nossos pensamentos.

A nossa vida era mesmo chata.

Ela não deixava os nossos amigos tocarem a buzina para que nós saíssemos.

Tinham que subir, bater à porta para ela os conhecer.

Enquanto todos podiam voltar à noite com 12, 13 anos, nós tivemos de esperar pelos 16 para chegar mais tarde, e aquela "chata" levantava para saber se a festa foi boa - só para ver como estávamos ao voltar.

Por causa de mãe, nós perdemos algumas experiências da adolescência.

Nenhum de nós esteve envolvido com drogas, em roubos, atos de vandalismo, violação de propriedade, nem fomos presos por nenhum crime.

Foi tudo por causa dela.

Agora que já somos adultos, honestos e educados, estamos fazendo o nosso melhor para sermos "Pais Maus", tal como a nossa mãe foi.

Eu acho que é um dos males do mundo de hoje: não há suficientes "MÃES MÁS".

FOTO

Nossa capa reproduz a logo, o tema e o lema do XVII ENA - Encontro Nacional, a se realizar na bela cidade de Vila Velha, no estado do Espírito Santo, na segunda quinzena de julho do próximo ano.

FATO

De três em três anos, como é sabido, o Movimento Familiar Cristão do Brasil reúne seus representantes de todo o País para reavaliar sua caminhada e projetar novos objetivos.

RAZÃO

Para o próximo Encontro Nacional, o MFC escolheu como tema FAMÍLIA, PROMOTORA da JUSTIÇA e da INTEGRIDADE da CRIAÇÃO e como lema "Eu vi e escutei o clamor das famílias." (Ex. 3, 7)

A escolha do tema foi de uma rara felicidade. pois aborda a problemática da defesa e da preservação do meio ambiente, assunto que vem se tornando cada vez mais inadiável em vista das desastrosas consequências que o nosso descuido tem acarretado.

Tomara que os mefecistas se preparem adequadamente para participarem do 17º ENA e para alcançarem um frutuoso resultado.

MALABARISTAS: Equilibristas Infantis lutando por uma vida digna

Alexandre Pontieri*



A cena já virou comum nos grandes centros urbanos: a cada parada no semáforo, uma criança vendendo guloseimas; no próximo, uma outra com um rodinho e uma garrafinha para limpar o vidro; no seguinte, mais uma fazendo malabarismos com bolas ou bastões. No metrô da cidade de São Paulo, são centenas de crianças vendendo balas e doces com pequenos papéis contando suas histórias de vida.

Isso acontece em um dos maiores centros urbanos do mundo - São Paulo. Em outras cidades do país, principalmente as do Norte e do Nordeste, vem aumentando o turismo com fins sexuais.

Tudo aparentemente muito ingênuo e natural, mas que, infelizmente, vem tomando proporções assustadoras e sem sinal de esperança para estas inocentes crianças. Por trás do sinal vermelho dos semáforos pode estar a porta de entrada para uma sombria viagem sem retorno, ou, se volta existir, com consequências traumáticas e irreversíveis. O malabarismo gracioso dos faróis das grandes cidades dará lugar a um universo de trevas, onde seres em formação

servirão como mão-de-obra barata ou serão transformados em brinquedos de luxo para adultos que buscam satisfazer seus desejos sexuais mais perversos em corpos infantis; isso sem falar na grande probabilidade de serem atraídos para a criminalidade.

Pobreza e falta de oportunidades educacionais e futuramente profissionais são alguns dos fatores que contribuem para esse fenômeno, incluindo aí muitas crianças que já vão para as ruas com um histórico de agressões e violências sexuais dentro de suas próprias casas. O trabalho escravo infantil inclusive com fins sexuais é uma praga mundial que ganha reforço nos países pobres e miseráveis do planeta. São formas modernas de escravidão em que, na maioria das vezes, as crianças acabam negociadas ou exploradas pelos próprios pais e familiares por questões financeiras, culturais, sociais etc.

Em pleno século 21, quando o homem atinge as maiores evoluções nos campos médicos, tecnológicos e científicos, ainda são comuns e crescentes as formas

de mercantilização do ser humano, principalmente de mulheres e crianças com finalidades sexuais e de exploração. O combate efetivo às formas modernas de trabalho escravo infantil ou com caráter sexual deve, necessariamente, incluir, em seu rol de prioridades, políticas públicas sérias com o objetivo de erradicar definitivamente essa mazela humana que insiste em continuar fazendo suas vítimas. O Brasil é um país de dimensões continentais, o que dificulta sobremaneira um trabalho de erradicação uniforme em razão das complexidades regionais e culturais.

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência,



discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

A linha que separa o trabalho escravo infantil da exploração sexual é muito tênue e isso quase sempre acaba acontecendo. A criança não passa de um produto, uma mercadoria barata e descartável, comercializada ou explorada a céu aberto nos semáforos das grandes cidades. Assim, muitas vezes, acaba se tornando

mais lucrativo “vender” seu corpo em formação por R\$ 10,00 ou R\$ 15,00 do que ter que vender balas ou esperar a compaixão de alguns motoristas que se distraem com o balé dos malabares enquanto falam ao celular dentro de seus carros. Diante do aumento da exploração infantil, principalmente o relativo à exploração sexual de crianças e adolescentes em nosso País, uma das maiores economias do mundo, é necessário trazer à baila uma questão fundamental para qualquer sociedade que se comprometa com uma cultura de direitos humanos, principalmente quando partimos do princípio de que o futuro pertence aos jovens. A criança e o adolescente gozam de plena proteção contra negligências, crueldades e explorações, não podendo ser jamais objeto de exploração ou qualquer outra forma de comercialização.

Nesse sentido o texto do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), que completou quinze anos: “Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”.

Vários desses fatores, aliados a um processo de globalização devastador e ao aumento da procura por mão-de-

obra cada vez mais barata, ou à lascívia, na maior parte masculina, são os motivos determinantes que alimentam e fazem crescer diuturnamente a indústria da exploração de crianças no Brasil e no mundo.

Quem sabe, talvez algum dia, quando deixarmos de ver o dinheiro público correr para o “ralo” ou começarmos a tomar consciência de que aqueles pequenos malabaristas não deveriam estar lá, mas sim nos bancos escolares, aí sim, possamos começar a sonhar com a construção de um País que prima pela dignidade humana.

Mas, pelo andar da carruagem, parece que o melhor será aguardar pelo campeonato mundial de malabarismos - para mostrarmos ao mundo o triste título de campeões mundiais; ou, quem sabe, assistirmos à construção de um enorme palco para nossos pequenos malabaristas.

É triste e vergonhoso!

A juventude brasileira está precisando urgentemente de respeito.

****Advogado; pós-graduado em Direito Tributário pela UniFMU, em São Paulo e em Direito Penal pela Escola Superior do Ministério Público do Estado de São Paulo***

O que faz do matrimônio um sacramento

Helio e Selma Amorim*



O sacramento do matrimônio é um sacramento divino, por sua referência a Deus. Como nos demais sacramentos, há uma matéria prima indispensável: o amor entre um homem e uma mulher que, numa perspectiva de fé, tomam o amor de Deus por nós como modelo para o seu amor. Os que assim se unem conhecem como o Deus da Bíblia nos ama: amor gratuito e fiel, amor-dação-serviço comprometido com a nossa humanização, que respeita a nossa originalidade, e aceita nossas limitações, que não domina, antes nos liberta, que não manipula e sufoca, antes nos promove e ajuda a caminhar, um amor capaz de levar a dar a vida por nós (o que não é simples hipótese romântica mas morte real e de cruz).

Então percebem que a sua união, fundada no amor, é um sinal ou reflexo ainda que pouco luminoso do amor de Deus. Estão dispostos a viver esse amor numa profunda relação interpessoal, dialogal, de revelação mútua,

mutuamente comprometidos com a realização das potencialidades do outro, que se expresse em atos concretos e gestos simbólicos. Nunca fechado em si mesmo, mas aberto ao mundo e comprometido com a justiça e a humanização da história humana, nela intervindo, como Deus sempre o fez, em favor nos mais fracos. Estão prontos, então, a proclamar que a sua união é um *sacramento divino*. Para isso, convidarão a comunidade cristã, seus parentes e amigos, aos quais anunciarão a sua união e pedirão apoio para vivê-la nessa dimensão sacramental. Esse é o sentido da celebração religiosa do casamento que inaugura uma nova família cristã. A comunidade presente, consciente do que está sendo celebrado, responderá ao pedido do casal, comprometendo-se a ajudá-lo na concretização da sua disposição de se amarem

sempre como Deus nos ama. O sacerdote que, em nome da comunidade preside a celebração, reconhece e proclama, então, que essa união é um sacramento divino, cujos ministros são, na verdade, os que se casam. Porque, de fato, somente eles são capazes de dar à sua união essa dimensão sacramental. Este ritual tão emocionante e a vivência do casal serão os *sinais sensíveis* desse sacramento. A Graça que tornará esse *sinal eficaz* será derramada por Deus sobre o casal e sobre todos aqueles que assumiram o compromisso de ajudá-lo a viver a sua união como sacramento.

Temos que reconhecer que muitos, talvez a maioria dos casamentos que se celebram nas igrejas, não são sacramentos, não obstante a bela coreografia montada, com música, flores e tapetes. Não passam de um ato social, enraizado na nossa cultura, mas nada tendo a ver com a fé, sem referência consciente ao amor de Deus tomado como modelo de união humanizadora, com os compromissos dele decorrentes.

Por outro lado, há graus de sacramentalidade matrimonial. Se a dimensão sa-



cramental decorre da qualidade e profundidade do amor que une o casal, quanto mais se amam, mais se assemelhará o seu amor ao amor de Deus, portanto, mais nítida e real será a sua sacramentalidade. Na vivência do casal, ao longo de sua vida conjugal, haverá tempos de maior e tempos ou momentos de menor densidade sacramental.

Essa concepção representa um desafio evidente. Quer dizer que o sacramento não é um selo de garantia ou marca indelével e definitiva gravada numa linda celebração. Aquele não foi um ato mágico, que transformou em sacramento o que antes não era. Na verdade, a sacramentalidade nasceu no momento em que os dois reconheceram a semelhança do seu amor com o amor de Deus e o assumiram como tal. A celebração foi o anúncio

e o pacto estabelecido com a comunidade cristã. Tampouco ficou definido, naquele momento, o grau de sacramentalidade da sua união. Talvez fosse apenas incipiente e ainda débil essa dimensão sacramental, diante do imenso potencial de crescimento e amadurecimento do amor dos dois.

Esse é o desafio: a sacramentalidade da união conjugal é chamada a crescer, consolidar e aprofundar-se. Ou seja, o amor que os uniu terá que ser cultivado cuidadosamente, no dia-a-dia da vida conjugal e familiar para que cada vez mais se pareça com o amor de Deus.

Assim, todos os gestos e ações que contribuem para o crescimento do amor, acrescentarão mais densidade sacramental à união conjugal. O carinho e gestos de ternura, o relacionamento sexual como expressão e celebração festiva do amor, a ajuda mútua, o reconhecimento das qualidades do outro, o incentivo à sua realização pessoal, o respeito à individualidade - tudo contribuirá para o crescimento do amor e, portanto, para a crescente densidade sacramental da união conjugal. Mas vice-versa: a falta desses

alimentos pode esvaziar o amor e a sacramentalidade no princípio assumida. A sacramentalidade pode então desaparecer se o amor morre.

Podemos concluir que o potencial humanizador da união do homem e da mulher está diretamente relacionado com a sua sacramentalidade, se esta tem sua densidade definida pela profundidade do amor humanizador que os une.

Isto vale para os cristãos e os não-cristãos. Estes, se vivenciam a sua união fundada num amor humanizador semelhante ao amor de Deus, não saberão, por estar ausente a fé, que nela há uma dimensão de sacramentalidade, não expressa e proclamada. Essa dimensão existe e é percebida pelos que os conhecem e os vêem com os olhos da fé.

Em qualquer tempo poderão descobri-la e anunciar com alegria a sacramentalidade só então percebida por eles. E reconhecer que ela é muito anterior à descoberta tardia.

**Membros do MFC e Editores da Revista Fato e Razão*

o OCASO da democracia liberal

Frei Betto*

A descoberta de que o Senado brasileiro é um antro de nepotismo, corrupção, tráfico de influências e mordomias aviltantes - embora haja senadores e funcionários éticos, de competente dedicação ao serviço público - traz à tona uma questão mais profunda: o fim de uma era política em que as instituições de poder pairavam acima de qualquer suspeita.

A imunidade é irmã gêmea da impunidade. Como o atual sistema democrático é meramente delegativo, eleitos desprovidos de caráter e valores morais se valem dos labirínticos canais do poder público para, em nome do povo, promover o benefício próprio. Para isso lançam mão de decretos secretos, artimanhas casuísticas, nepotismo implícito, estendendo uma malha burocrática integrada por funcionários coniventes, cúmplices da desfaçatez, desprovidos de ética e amor à coisa pública por força de proveitos e prebendas abusivas.

Nas sociedades capitalistas predominam relações desiguais de poder. Uma das características do parlamento burguês é legislar em causa própria, sobretudo no que concerne a salários, ajudas de custo, propinas e salvaguardas (auxílio-moradia, plano de saúde, transportes extensivos a familiares etc.). "Nada mais perigoso que a influência dos interesses privados nos assuntos públicos", escreveu Rousseau em *O contrato social*.

Eleger-se vereador, deputado ou senador torna-se, para muitos, uma ambição pessoal destituída de qualquer motivação de serviço ao bem comum. A eleição transforma-se em loteria. O premiado decola para a esfera blindada pela áurea de autoridade, isento do risco de a sociedade investigá-lo e, eventualmente, puni-lo. Este só pode ser julgado por seus pares e instâncias superiores, quase sempre marcados por complacente conivência.

O ocaso da democracia liberal resulta do controle social sobre o poder público. A maracutaiá vem à tona graças às investigações da imprensa, de movimentos sociais e ONGs que se dedicam a vasculhar as contas públicas e tornar transparente a atuação dos políticos. Lançam-se, assim, as sementes de uma nova era democrática, a da autoridade partilhada.

Esse exercício cidadão de aferição dos eleitos e da máquina do Estado mina, aos poucos, a escusa politicagem ancorada no coronelismo, no compadrio, nas ameaças veladas e explícitas, na extensa rede de nomeações e compensações, que vão das licitações fajutas ao salário astronômico de um mordomo. Quebram-se as redomas que envolvem o poder, desprivatiza-o, devolve-o à sua precípua finalidade: o serviço ao público.

Na democracia participativa a autoridade é exercida pelo cidadão e pela cidadã, a quem o político, como servidor, tem o dever de prestar contas. Toma-se a sério o conceito de democracia: o exercício do poder, não somente em nome do povo, mas pelo povo e com o povo. Através de mecanismos de aferição do desempenho dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, desvelam-se os seus atos e revelam-se os obscuros meandros que até então favoreciam as trevas encobridoras de safadezas cometidas à revelia do público e com o dinheiro do contribuinte.

Agora todos sabem que o rei está nu. Aos poucos, rompe-se a velha hegemonia de poder que consistia no controle da mídia, no atrelamento dos partidos a figuras caudilhescas, na criação de uma vasta rede de influências através de nomeações voltadas ao fortalecimento das bases políticas que asseguravam a uma família, grupo ou partido a perpetuação no poder.

Refunda-se o Estado moderno. Na América Latina e no Caribe desponta a primavera democrática que rechaça os golpes de Estado, como ora ocorre em Honduras, e veta-se o acesso ao poder de políticos submissos ao receituário neoliberal. Para horror das velhas oligarquias, muitos eleitos tiveram origem política em movimentos sociais, governam em benefício dos mais pobres e não descartam a utopia de uma sociedade pós-capitalista.

É verdade que nesse período de transição da democracia liberal à democracia real, participativa, sombras e luzes se mesclam, como alianças eleitorais entre setores progressistas e conservadores, no ambíguo compasso de uma no cravo e outra na ferradura. Interesses eleitoreiros se sobrepõem ao rigor ético; o uso do dinheiro público se esconde sob cartões de crédito e investimentos institucionais, como fundos de pensão, imunes à transparência; empresas privadas cooptam políticos e partidos através do financiamento de campanhas.

Muito além do sistema político, a democracia deve vigorar também no sistema econômico, nas esferas familiar, racial, sexual, religiosa, nas relações comunitárias e corporativas. Isso não se alcança senão através de mecanismos e instituições que obriguem o Estado a se submeter ao efetivo controle popular.

***Escritor e assessor de movimentos sociais. Autor de "Diário de Fernando - nos cárceres da ditadura militar brasileira" (Rocco), entre outros livros.**

Copyright 2009 - FREI BETTO
- É proibida a reprodução deste artigo em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização. Contato - MHPAL - Agência Literária (mhpal@terra.com.br)

Publicação devidamente autorizada.
Transcrito de Adital.

E ao final de nossas longas explorações chegaremos finalmente ao lugar de onde partimos e o conheceremos então pela primeira vez. T. S. Eliot

Simplicidade

*Em Mateus onze, vinte e cinco
Se registra a alegria
Se Jesus, o Peregrino
Mestre da cidadania

*Olhou o povo com agrado
E rendeu graças ao Pai
Por gente assim, de bom grado
Que com ele, segue e vai*

*São como as aves do céu
Não têm contas no banco
São como as flores do campo
E Deus as veste, sem manco*

*Se alegram com o sol nascente
Agradecem a fonte limpa
Tem o pão do amanhã
Na terra, que hoje, garimpa*

*Este Povo quer viver
na festa grande da vida
ele sabe celebrar
depois da programada lida*

*Saibamos nos contemplar
Sem selarmos perfeições
Bem para além dos pecados
Abrir largas aos corações*

Pe. Arnaldo Lima Dias

P
o
e
m
a



Receita de Alegria*

Joga fora todos os números não essenciais para tua sobrevivência.

Isto inclui: idade, peso e altura.

Que eles preocupem ao médico.

Para isto o pagamos.

Conviva, de preferência, com amigos alegres.

Os pessimistas não são convenientes para ti.

Continua aprendendo...

Aprenda mais sobre computadores, artesanato, jardinagem, qualquer coisa...

Não deixe teu cérebro desocupado.

Uma mente sem uso é oficina do diabo.

E o nome do diabo é "Alzheimer".

Ria sempre, muito e alto.

Ria até não poder mais.

Inclusive de ti mesmo!

Quando as lágrimas chegarem:

agüenta, sofre e...

Segue adiante.

Agradeça cada dia que amanhece
como uma nova oportunidade
para fazer aquilo que ainda não tiveste coragem de começar.

Do princípio ao fim.

Prefira novos caminhos

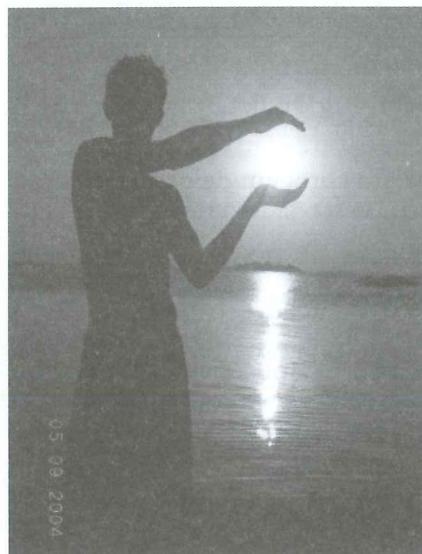
do que voltar a caminhos mil vezes trilhados.

Apaga o cinza de tua vida acenda as cores que carregas dentro de ti.

Desperta teus sentidos para que não percas tudo de belo e formoso que te cerca.

Contagia de alegria ao teu redor
e tenta ir além das fronteiras pessoais
a que tenhas chegado aprisionado pelo tempo.
Porém lembra-te:

a única pessoa que te acompanha a vida inteira é tu mesmo.
 Cerca-te daquilo que gostas: família, animais, lembranças, música, plantas, um hobby, seja o que for...
 Teu lar é teu refúgio, porém não fiques trancado nele.
 Teu melhor capital, a saúde.
 Aproveite-a
 Se é boa, não a desperdice;
 se não é, não a estrague mais.
 Não se renda à nostalgia.
 Sai à rua.
 Vá a uma cidade vizinha,
 a um país estrangeiro...
 Porém não viaja ao passado porque, dói!
 Diz aos que amas, que realmente os amas e faça isso em todas as oportunidades que tiver.
 E lembra-te sempre que a vida não se mede pelo número de vezes que respirastes, mas pelos momentos que teu coração palpou forte: de muito rir...de surpresa... de êxtase...de felicidade...
 E sobretudo...de amar sem medida.



“Há pessoas que transformam o sol em uma pequena mancha amarela, porém há também as que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol.”

*Autor
 Pablo Picasso

Tradução livre: Yêda Saraiva
 Texto extraído da Internet

Sexualidade: O desejo do outro



Deonira L. Viganó La Rosa*.

Por que sexualidade e violência frequentemente estão relacionadas, se cada um dos cônjuges aspira à união total e pacífica com seu eleito? Por que esta harmonia dos corpos não acontece sempre naturalmente, quando um amor forte une os cônjuges?

Com efeito, para certos casais, não é suficiente amarem-se apaixonadamente para conseguirem uma vida sexual satisfatória; as dificuldades sexuais que muitas vezes são sentidas por um ou por outro como falta de amor, na verdade podem ter bem outras causas... E o que faz mal ao casal e o faz sofrer é constatar que seu amor é impotente para tornar harmoniosas suas relações íntimas.

Todo encontro sexual acontece no mistério

A relação sexual é o encontro do outro na

sua radical diferença: isto implica que cada um esteja suficientemente à vontade com sua própria sexualidade para poder acolher a sexualidade do outro sem medo, e sem negar a sua. Estar feliz em ser aquilo que a natureza o fez, homem ou mulher, é a primeira condição para uma boa integração da sexualidade. Esta integração não surge de repente mas é construída passo a passo ao longo do tempo, em base à educação e à história de cada um, e não está jamais concluída ou perfeita; ela tem suas cicatrizes que podem reavivar-se sem, contudo, estar conscientes.

A mulher e o homem sempre vão viver de maneira diferente suas experiências sexuais. O que cada um sente não é totalmente entendido pelo outro. A mulher não pode senão interrogar-se sobre o que é a virilidade, e para o homem, a feminilidade permanece misteriosa. É justamente

esta parte desconhecida e misteriosa, estranha para o outro, que faz acontecer a atração, mas também deixa pairar uma apreensão difusa que, em certas circunstâncias, pode transformar-se em angústia e suscitar movimentos de defesa, senão de agressividade.



Aparecem dificuldades de âmbito sexual...

Há períodos em que a harmonia deixa a desejar, mas isto não é preocupante. Entretanto, isto se torna prejudicial ao casal quando ele se resigna, banalizando ou justificando o fato, já que a relação sexual é um meio privilegiado de expressar o amor e de confirmar a identidade sexual do parceiro.

A vida sexual não só expressa, como fomenta o amor. Lamentavelmente, marido e mulher pouco se falam sobre questões relativas a esta área.

Ao terapeuta, mulheres relatam sentirem-se humilhadas quando para seus maridos não passam de um objeto sexual. Outras dizem sentirem-se humilhadas porque seus maridos já não as percebem como mulheres: 'Serei ainda uma mulher para ele? Eu não duvido de seu amor: ele me ama como a uma mãe, mas eu quero ser amada como mulher'. Homens também se sentem feridos em sua virilidade quando o olhar de sua mulher já não exprime o desejo de dar-lhes prazer.

Quem são estes homens, estas mulheres, que não querem ser tratados como objetos?

O homem e a mulher pertencem ao mundo das pessoas, o mundo dos sujeitos, radicalmente distinto do mundo dos animais e das coisas. A pessoa do outro é o único ser visível ao seu redor que é, como você próprio, um sujeito. Os comportamentos ditados pela cobiça do outro lesam

gravemente seu direito a ser reconhecido e tratado como sujeito pessoal. Isso acontece particularmente na relação sexual.

Aqui se pode compreender a profundidade do apelo à ternura na relação amorosa, apelo que às vezes se exprime indiretamente, até mesmo através de uma recusa, ou pela revolta ou raiva quando um se sente tratado como objeto pelo outro. É o grito do corpo que quer ser amado, tocado com ternura pelo outro.

O grito do corpo é o grito da pessoa.

Enquanto o olhar de volúpia sobre o corpo o coisifica e o fere profundamente, o olhar de ternura se dirige à pessoa toda inteira e reconhece sua beleza e a revela.

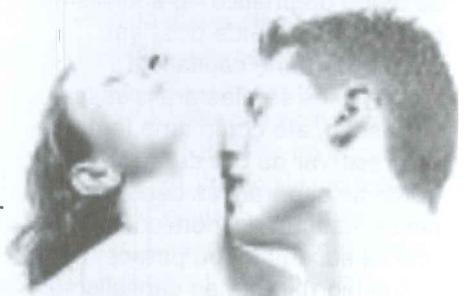
O olhar de ternura não é um olhar interessado, mas um olhar amoroso, maravilhado, sob o qual o ser amado se sente

reconhecido. Longe de ser somente a gratidão sexual pelo prazer recebido, a ternura que jorra da afetividade é também uma autêntica atitude pessoal, do ser por inteiro.

A afetividade faz o homem sair de si para estar à escuta das mínimas manifestações de sua mulher e faz a mulher ultrapassar-se para sair de sua passividade e mostrar toda ternura a seu marido. A ternura assim expressa permite a ambos viverem a relação sexual como uma verdadeira relação interpessoal.

Leitura base: D. Balmelle

*Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia.



"O Poder não pode ser igualado ao direito. O Poder jamais se basta a si mesmo, não é absoluto e deve ser limitado pelo direito e pelo controle da comunidade."

(Conferência Mundial das Religiões em Favor da Paz/Kyoto/Japão/1070)



SOCIALISMO EM DEBATE

Jung Mo Sung*

Felizmente o tema do socialismo volta à discussão! É claro que há grupos que, mesmo após a derrocada do bloco socialista, não deixaram de pregar, anunciar e discutir - muitas vezes de modo dogmático - o socialismo como a única saída possível para a "barbárie capitalista". Mas, muitos se afastaram dessa discussão, até como uma forma de se preservar da dor da frustração frente às esperanças depositadas nesse sistema econômico-social que se sucumbiu (ou parecer ter sucumbido) frente ao capitalismo. Com isso, muitas das propostas de alternativas passaram a ser formuladas em termos muito abstratos, marcados quase que exclusivamente por valores éticos e ecológicos, sem muita preocupação com o "desenho institucional e econômico-político". E sem diretrizes que mostrem ou

indiquem o formato institucional da política e economia, essas propostas genéricas não oferecem critérios para orientar as nossas lutas e ações sociais e políticas.

Afirmações do tipo "a nova sociedade será espiritual e viverá em harmonia com todos os seres vivos e com o Planeta" são importantes para manter o horizonte de desejo, mas não oferecem direções e critérios para lutas concretas. Com isso, surge uma distância grande entre esses discursos cheios de desejos bons e as lutas e ações locais concretas. Por isso, eu afirmei que felizmente o tema do socialismo está voltando a ser discutido em setores comprometidos com a causa da vida dos pobres e dos dominados. Um exemplo disso é a publicação na Adital, de dois artigos que

merecem ser lidos e discutidos ("Estatismo é a alternativa?", de Manfredo A. Oliveira e "Socialismo, contradições e perspectivas", de Frei Betto).

Eu penso que não poderemos construir um novo projeto de sociedade e de civilização sem retomarmos as discussões sobre o socialismo, os seus erros e acertos, suas semelhanças e diferenças com o capitalismo, seus potenciais e limites.

Dessa discussão podemos reafirmar o socialismo como uma alternativa ao capitalismo ou "inventar" outro projeto, mas não podemos evitar essa discussão. E espaços como esses podem ser um lugar para esse tipo de debate.

E a importância desse debate se mostra mais claro se levarmos em consideração que até Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia, escreveu nos últimos dias que a atual crise econômica deixará como um dos legados "uma batalha de alcance global em torno de idéias [...] em torno de que tipo de sistema econômico será capaz de trazer o máximo de benefício para maior quantidade de pessoas". E que "em boa

parte do mundo, [...], a batalha entre capitalismo e socialismo - ou ao menos entre o que muitos estadunidenses consideram socialismo - segue na ordem do dia" ("As mensagens tóxicas de Wall Street").

Uma primeira pergunta que pode aparecer na discussão sobre a alternativa ao capitalismo é: qual é a diferença fundamental entre o capitalismo e socialismo? Uma das idéias bastante difundida sobre esse assunto - entre "a esquerda pós-moderna e/ou ecológica" e até mesmo nos setores da "esquerda cristã" - é que não haveria muita diferença entre esses dois sistemas econômico-social-político. Os dois seriam "filhos da modernidade" e que, por isso, eles teriam o mesmo objetivo de aumento da produção (com a consequente destruição da natureza). A principal e talvez a única diferença seria que a propriedade dos meios de produção está na mão das empresas privadas no capitalismo e na mão do Estado no socialismo. Para alguns, o socialismo teria caído no "engodo do capitalismo" ou teria preservado as principais características do capitalismo e substituído somente a propriedade privada pela estatal.

Eu penso que essas críticas têm uma boa parte da razão, mas não capta um ponto essencial. Apesar das semelhanças, há uma diferença fundamental entre os dois sistemas sociais. No capitalismo, toda o

Somos todos Jacksons

Eduardo Hoonaert*



sistema de produção, distribuição e consumo está guiado pela lógica da mercadoria ou pelo "valor de troca". Isto é, as empresas produzem bens, não em função da sua utilidade na reprodução da vida na sociedade ("valor de uso"), mas em função do seu valor de troca, isto é, para atender os desejos dos consumidores. Nas palavras de um dos economistas mais influentes no séc. XX, Paul Samuelson, "as mercadorias vão para onde há maior número de votos ou de dólares. O cachorro pertencente a John D. Rockefeller pode receber o leite de que uma criança pobre necessita para evitar o raquitismo". Criança pobre necessita do leite, mas como ela não é consumidora não faz parte do mercado, para onde os bens são produzidos. É assim que o sistema funciona, e o empresário não tem opção: no sistema capitalista ele tem que obedecer às leis do mercado (ou "as leis do valor").

O socialismo é um sistema pensado para "dominar" essa lei do valor e pensar a produção e a distribuição dos bens em função da reprodução da vida social. Por isso, por ex., em Cuba antes da crise pós-derrocada do bloco socialista havia escolas e hospitais para toda população, mas poucos restaurantes e quase nenhuma loja de bens de consumo considerados pelo Estado como supérfluos. O Estado apropriou-se de (quase) todos os meios de produção para poder planejar a economia em função do "valor de uso" e das

necessidades da população e do regime.

O problema é que os modelos de socialismo implantados nos mais diversas partes do mundo geram também totalitarismo e ineficiência produtiva, gerando uma sociedade submetida ao Estado (que aparece por ex. na ausência da sociedade civil organizada) e a escassez de bens de consumo e de serviços necessários para a reprodução da vida corporal de forma digna e prazerosa.

Os erros e problemas dos sistemas socialistas que existiram ou ainda existem no mundo devem ser assumidos para aprendermos com a história, mas não podemos ignorar a diferença fundamental (pelo menos em termos teóricos e de valores que nortearam os principais teóricos e revolucionários socialistas) entre a lógica capitalista e a lógica de um sistema (qualquer que seja o nome que venha a ter) que procura colocar a reprodução da vida de todas as pessoas como o princípio norteador da organização econômica, social e política.

*Professor de pós-graduação em Ciências da Religião. Publicado por Adital.

[Autor de "Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social", Ed. Paulus].

Obs.: O tema continuará sendo desenvolvido pelo autor em nossas próximas edições.

A morte de Michael Jackson deixa na cabeça de muitos um monte de questionamentos. Alguns dizem que ele procurou branquear a pele por não aceitar sua condição de negro; outros dizem que ele era pedófilo; outros ainda criticam sua falta absoluta de senso administrativo ao deixar milhões de dólares em dívidas e ainda há quem pretenda que ele seja a expressão evidente da futilidade midiática.

Acontece que o inglês Gerald Thomas (1954), diretor, produtor e autor de teatro, que tem um bom trânsito no Brasil, escreve em seu blog: 'Somos todos Jacksons'. Essa frase me impressiona. Sim, somos Jacksons na medida em que soltamos dentro de nós a estrela que somos. Os questionamentos acima mencionados evaporam-se diante do fato que tivemos (e ainda temos) diante de nós algo demasiadamente grande para nosso pobre entendimento humano, nossa pequenez inata. Na medida em que deixamos de lado questões pífias, 'somos todos (e todas) Jacksons', estrelas da mesma constelação em que Michael brilhou. O ídolo escondido

(guarda-chuva, chapéu enterrado na cabeça, lenço para se esquivar, passo furtivo, gesto esquivo) dança no topo do mundo. O ídolo isolado (dorme em bolha de oxigênio e tem uma máscara higiênica para não respirar o ar que todos respiramos) fica continuamente em super-exposição e dança diante de bilhões de pessoas. O Peter Pan do isolamento de Neverland (terra do nunca, nome que Michael deu à sua propriedade) penetra em todos os lares por TV, DVD, CD e Internet.

Não nos enganemos: Michael não é um ingênuo doente e complexado. Ele tem a lucidez de por a nu o mundo como é: cruel, preconceituoso, prepotente, ignorante, mesquinho, sem piedade, sem sensibilidade pelo mais fraco. Numa se suas músicas, intitulada 'Black and White' (negro e branco), ele se mostra enjoado com a linha divisória que a sociedade marca entre as cores da pele. Aí ele canta: 'Se você é meu irmão, não importa que seja negro ou branco' (It don't matter if you're black or white). Mas logo acrescenta: 'Isso não é fácil'. Querendo ultrapassar, num louco gesto de manipulação dermatológica, a barreira entre Black and White, ele ao mesmo tempo dá

um soco na cara da sociedade e prejudica irremediavelmente sua saúde. No final da vida se afunda na tristeza. Sua vida demonstra a distância entre a indignação e a impotência dos gestos, por geniais que sejam. Michael sofreu as dores do mundo e seu sofrimento é nosso sofrimento.

De outro lado, sua passagem entre nós lembra que somos maiores do que somos, que podemos transcender a figura humana da mesquinhaz e abraçar o mundo inteiro, partir com Dom Quixote à procura da justiça perdida e da misericórdia que não se encontra em canto nenhum, não fazer o que se espera de nós e fazer o que de nós não se espera. Gozar da vida em liberdade, sem pretender segurar nada.

Escapar da confusão entre usar e possuir que faz com que não consigamos o que queremos, combater moinhos de vento não



como quem faz algo estúpido, mas como quem demonstra que o mundo é um gira-gira e roda-roda de palavras que não levam a nada.

A figura dramática e contraditória de Michael desperta em nós o que temos de melhor: a capacidade de sonhar com um mundo diferente. Só que esse mundo não tem de ser necessariamente um 'neverland' (terra do nunca) ou um 'dreamland' (terra do sonho: nome da propriedade de Elvis Presley), mas sim um 'reino de Deus', na labuta diária, segundo o sonho insuperado de Jesus de Nazaré.

Termino este texto com outra frase de Gerald Thomas, que expressa o sentimento que se apodera de mim depois da morte do astro, quando o universo em que vivo volta à 'normalidade': 'esse universo tão grande e tão escuro em que ontem, uma estrela, Michael Jackson, se apagou, deixando legiões de planetas, satélites, asteróides, enfim, uma galáxia inteira totalmente desolada'.

**Historiador
Publicado por Adital*

Não fique tão sério

continuar dormindo com a mamãe.

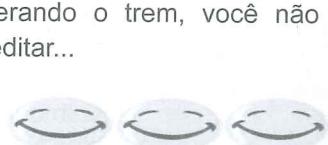


Um sujeito bem-vestido chega à igreja em um carro do ano. Desce. Dirige-se aos pés de Santo Expedito e começa a rezar. Logo chega um outro aos berros:

— Santo Expedito, por favor me ajude! Eu perdi o dinheiro da minha mulher no jogo e na bebida. Preciso conseguir 50 reais! Por favor, Santo Expedito me ajude!

O que estava rezando não agüenta a barulheira, mete a mão no bolso, tira uma nota de 50 reais, oferece ao que está berrando e diz:

— Toma logo esses cinqüenta e deixa o Santo se concentrar nos meus problemas!



Logo depois de se mudar, Joãozinho liga para o avô:

— Vô! Sabia que a gente já está na casa nova?

— É mesmo? E aí, vocês estão gostando? — É o maior barato! Diz o garoto.

Tem um quarto só para mim e outro só para a minha irmã. Só o coitado do papai é que tem de



Um cachorro comia restos de alimento quando percebeu estar prestes a ser devorado por um tigre. Fingindo não vê-lo, terminou de comer e disse:

— Que delícia esse tigre!

O tigre, assustado, correu. Um gato, porém, disse ao tigre ser tudo mentira, que os ossos não eram de nenhum tigre. O tigre, nervoso, falou:

— Esse cachorro me paga!

O cachorro, vendo o tigre se aproximar, fingiu não vê-lo novamente e disse:

- Mas cadê aquele gato danado que foi buscar outro tigre para mim e não voltou até agora?



- Compadre, minha mulher está aprendendo a tocar piano - conta o rapaz ao amigo.
- Sério?
- Sim, e minha filha está aprendendo a tocar violino.
- Que bom! Podem fazer dupla!
- E meu filho está aprendendo a tocar acordeão.
- Nossa! É quase um conjunto! E você, o que é que está aprendendo?
- A sofrer calado...



O médico pergunta ao paciente terminal:

- Por que o senhor quer ser sepultado no vulcão?
- É porque minha sogra jurou várias vezes que vai dançar sobre meu túmulo!



Dois amigos trabalhavam no escritório de uma igreja.

Um deles se chamava Jesus Pretel Busto e o outro, João do Espírito Santo. Certa noite, o telefone tocou. Jesus atendeu e gentilmente disse:

- É da igreja de Jesus Cristo, boa noite!

Segundos depois, a pessoa perguntou:

- Quem está falando?
- É Jesus - respondeu.

Depois de mais alguns segundos a pessoa perguntou:

- E tem mais alguém com

você?

- Ah, sim... O Espírito Santo.

Com o susto, a pessoa desligou imediatamente.



Ao mostrar o hospital a alunos da creche, ouve-se uma conversa entre uma menina e um técnico de raios X.

- Você já quebrou algum osso? - perguntou ele.
- Já - respondeu a menina.
- Doeu?
- Não.
- Sério? Qual foi o osso que você quebrou?
- O do braço da minha irmã.



Na cama, o marido se vira para a jovem esposa e pergunta:

- Querida, me diga que sou o primeiro homem da sua vida. Ela olha para o esposo e responde:
- Pode ser... Sua cara não me é estranha...



O marido pergunta:

- Querida, o que você prefece? Um homem bonito ou inteligente?
- Nem um, nem outro. Você sabe que eu só gosto de você.

Um Socialismo para o Século XXI

François Houtart *

Introdução

O socialismo é um projeto, antes de ser um conceito. Por essa razão, é necessário abordar o conteúdo como passo preliminar para a utilização da palavra. De fato, o que é o socialismo hoje? Trata-se do stalinismo, do maoísmo, de Pol Pot, da social-democracia, da terceira via? Estamos ante a plena ambigüidade, o que exige um novo quadro de reflexão.

No entanto, há uma grande urgência frente à destruição social e ambiental provocada pelo modelo econômico contemporâneo. A hegemonia global do capitalismo, em sua forma neoliberal, não somente foi edificada sobre novas bases materiais (as tecnologias da informação e da comunicação), mas também permitiu universalizar a subordinação do trabalho ao capital ("subsumção", segundo Karl Marx). Atualmente, não somente se trata de uma subordinação real, isto é, dentro do processo mesmo de produção, a través do salário, mas também formal, ou seja, por meios financeiros (preços das matérias primas e dos produtos agrícolas, dívida externa, paraísos fiscais, fiscalização interna que promove a riqueza individual) e por meios jurídicos (normas das organizações

internacionais, como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio).

Este último tipo de subordinação afeta a todos os grupos humanos tanto pela destruição ambiental como pela submissão à lei do valor. Hoje em dia, os povos indígenas estão afetados em sua possibilidade de sobrevivência pela exploração dos bosques ou pela destruição da biodiversidade; os pequenos camponeses são as primeiras vítimas da privatização da saúde, da água, da eletricidade; os pequenos camponeses são deslocados pelas empresas transnacionais do agronegócio. De fato, a vida da humanidade em seu conjunto está sendo agredida. As consequências para a sociedade são profundas porque esse processo agudiza as contradições dentro de todas as relações entre indivíduos, não somente pela desigualdade econômica e social crescente, mas pelo aumento dos conflitos de gênero, de raças ou de castas.

Por essas razões, o projeto deve começar por uma deslegitimação clara e radical do capitalismo, em sua lógica mesma e em seus aspectos concretos em cada sociedade. A consciência

de que não se pode humanizar o capitalismo constitui a base de um novo projeto concreto. A esse propósito, podemos propor níveis de reflexão: o nível da utopia (que sociedade queremos?), os meios e, finalmente, as estratégias. Trataremos de aplicar esses três níveis aos vários componentes da realidade humana: ecológicos, econômicos, políticos e culturais e de propor, de maneira muito sintética, uma série de hipóteses como base de discussão.

1. Os objetivos ou a utopia

Que sociedade queremos? Essa pergunta pode parecer muito geral, um conjunto de idéias abstratas, um sonho. Porém, não seríamos seres humanos se suprimíssemos a capacidade de sonhar. Queremos viver em uma sociedade humana de cooperação e de paz. Isso significa que não queremos viver em um mundo de pura competitividade e de agressão. Desde seu início, tal perspectiva introduz uma contradição com a sociedade neoliberal. Para definir de maneira mais concreta o que podemos chamar a utopia, pode-se distinguir quatro objetivos ou princípios, segundo as já citadas dimensões ecológica, econômica, política e cultural.

1) Prioridade de uma utilização renovável dos recursos naturais

Existe uma simbiose entre a natureza e o ser humano. A natureza é fonte de vida (a pachamama,

terra-mãe, como dizem os povos indígenas da América do Sul). Não se pode agredi-la, nem destruí-la sem atentar contra a vida humana. A natureza não pode ser explorada em função de uma racionalidade puramente instrumental, característica do tipo de modernidade vinculada econômica e culturalmente com o capitalismo. Isso resultaria na destruição progressiva da natureza. O "grito da terra", como escreve Leonardo Boff, chama-se desertificação, deterioração do clima, pandemias, AIDS...

Esse princípio da prioridade da utilização renovável significa o rechaço a modos de produção e de atividades que destroem de maneira irreversível o ambiente natural. O uso de recursos não renováveis será o objetivo de uma gestão coletiva, assegurando sua racionalidade. No entanto, esse princípio é somente uma parte da realidade e deve entrar em

2) Predomínio do valor de uso sobre o valor de troca

Essa distinção, feita por Karl Marx, é útil para pensar o futuro. O valor de uso é o que contribui para a qualidade da vida humana em todas suas dimensões. O valor de troca é o mercado, que tem uma função subordinada ao valor de uso. No entanto, na lógica do capitalismo, o mercado domina hoje não somente a atividade econômica, mas também toda a organização coletiva da vida humana. Para o capitalismo,

não existe valor econômico se o trabalho, os bens e os serviços não se transformam em mercadorias. É o que se chama a imposição da lei do valor que, segundo Franz Hinkelammert, significa o fim do sujeito. Os seres humanos estão submetidos a essa lei que invadiu a realidade social submetendo a humanidade em sua totalidade à lógica do capitalismo. É por isso que Karl Polanyi, economista estadunidense historiador do capitalismo, conclui que é necessário reinserir a economia na sociedade.

3) Participação democrática em todos os setores da vida coletiva.

A participação democrática, isto é, o poder de decisão do sujeito humano, não pode ser limitado ao setor político. Nesse sentido, pode-se dizer que toda a realidade é política, começando pela economia. O princípio da participação democrática tem que ser aplicado a todos os níveis da vida humana coletiva, do local ao global.

4) Interculturalidade.

Todas as culturas participam na vida cultural e espiritual da humanidade. Nenhuma delas pode ser eliminada ou marginalizada. Isso inclui todas as expressões culturais, o direito, a ciência, as religiões e as espiritualidades. As transformações que derivam de intercâmbios, de enriquecimento mutuo são bem-vindas porque a cultura não é estática.

Sobre a base dos quatro princípios expostos propõe-se o problema dos meios.

2. Os meios

Não basta afirmar princípios. Construir outra sociedade significa aplicar meios para que eles possam tornar-se realidade.

1) A relação com a natureza.

Para levar a cabo o primeiro princípio de predomínio de uma utilização renovável podemos propor três meios principais. O primeiro é a apropriação pública dos recursos naturais essenciais para a vida, como a água, as sementes, o ar. Esses recursos constituem o "patrimônio da humanidade" e devem escapar da lei do valor, tal como está definida pelo sistema econômico capitalista.

A revalorização da agricultura camponesa é outro meio necessário. Trata-se de lutar contra a concretização produtivista da terra ou dos produtos agrícolas em mãos de empresas transnacionais que destroem a natureza, sem falar dos desastres sociais e de promover uma agricultura orgânica. Em terceiro lugar, a tarefa fundamental de regeneração da atmosfera, dos solos, das águas e, finalmente, do clima.

2) O predomínio do valor de uso sobre o valor de troca

Existem vários meios para

esse predomínio em específico. Somente queremos assinalar alguns deles:

- Promover a produção orientada à maioria das populações com a utilização de instrumentos públicos, o que se opõe ao modelo de desenvolvimento atual, que favorece um crescimento econômico espetacular de somente 20% da população. Isso é a consequência da lógica do capitalismo, que necessita gerar fortes poderes de compra de uma minoria para absorver uma produção sofisticada, contribuindo para a acumulação do capital.

- A introdução de elementos qualitativos no cálculo econômico, como o bem-estar (a qualidade de vida), o entorno ecológico, a segurança alimentar. As decisões serão muito diferentes se forem considerados esses elementos nos cálculos dos custos de produção e de intercâmbio.

- Limitar a influência do capital financeiro mediante um imposto sobre os fluxos internacionais, a abolição dos paraísos fiscais e do segredo bancário e a supressão da dívida externa dos povos do Sul.

- Abolição das patentes em sua forma atual e adaptação do direito de autor para evitar o monopólio das transnacionais.

- Revalorização da empresa como lugar de trabalho comum com fins sociais e não como fonte de

riqueza para os acionistas.

- Reconhecimento e valorização dos empregos não reconhecidos (mulheres no lar) ou desvalorizados (serviço social, serviço de saúde) e criação de empregos para setores qualitativos de interesse coletivo (melhoramento da qualidade de vida, serviços pessoais etc.).

- Constituição de um seguro social generalizado sob controle público.

- Revalorização do serviço público como serviço à coletividade e não como atenção a "clientes".

3) O princípio da democracia.

A democracia não é somente um fim, mas também um meio. Nesse sentido, deve-se estender a democracia representativa a todos os níveis da atividade coletiva, incluindo o setor econômico. No entanto, necessita-se também a promoção da democracia participativa ou direta como incremento do controle popular nos mesmos setores. Não se trata da dimensão territorial (povoados, bairros, aldeias), mas também das empresas e das administrações.

4) O princípio da interculturalidade.

Os meios nesse setor são também diversos, com prioridade ao seguinte:

- Afirmar e concretizar o direito dos povos frente ao direito dos negócios, o que significa uma mudança fundamental da filosofia dos organismos internacionais, financeiros e comerciais.

- Proteção das culturas por medidas adequadas nos diversos setores de suas expressões.

- Socialização dos resultados da ciência, sem monopólio industrial ou particular.

- Afirmação da laicidade do Estado, como base do diálogo filosófico e espiritual e do ecumenismo.

3. As estratégias

Para poder aplicar os meios suscetíveis de concretizar os princípios, há vários níveis de estratégias.

- Deslegitimar o capitalismo como expressão de uma modernidade desumanizante, o que significa a utilização de todos os espaços possíveis para o desenvolvimento de um pensamento crítico nos setores da economia, da ecologia, da política e da cultura. Nesse sentido, os fóruns sociais têm cumprido um papel importante: o desenvolvimento progressivo de uma consciência coletiva.

- Acelerar a criação de atores coletivos em nível global através de redes de resistência (um exemplo é a Via Campesina)

- Renovar o campo político da esquerda, com a convergência

de várias organizações políticas (não se pode pensar em um partido único detentor de toda a verdade) e a centralidade da ética nas práticas políticas.

- Promover a emergência de um novo sujeito histórico, que não estará somente construído pelos trabalhadores assalariados, mas por todos os grupos atingidos em sua vida pelo sistema capitalista: pequenos camponeses, mulheres, povos autóctones etc.

- Buscar a centralidade da ética como atitude coletiva e individual, em coerência com a utopia, o que implica uma institucionalização dos processos sociais e políticos como base dos comportamentos individuais e uma redefinição permanente dos aspectos concretos da ética, com a contribuição de todos.

Podemos concluir que se isso é o que chamamos de socialismo, trata-se de um projeto profético e construtor, capaz de contradizer a "barbaridade" e de traduzir em um projeto pós-capitalista a defesa da dignidade humana e do amor ao próximo.

[Colômbia Plural/Inestco. Tradução e publicação: ADITAL]

* Presidente do Conselho Administrativo do Centro Tricontinental (Lovaina a Nova). Secretário Exec. do Fórum Mundial de Alternativas. Repres. do Pres. da Assembléa Geral da ONU pela Reforma do Sistema Financeiro e Monetário.

TEMÁRIO DE FORMAÇÃO

Nas páginas seguintes damos continuidade à publicação dos módulos preparados pelo casal Tânia e Tiquinho, responsáveis pelo Secretariado de Formação do CONDIR SUDESTE.

As equipes interessadas na duplicação e no colecionamento dos textos poderão nos solicitar a remessa através de e.mail.

MÓDULO Nº. 07

TEMA: FORMANDO LÍDERES (LÍDERES CAPACITADOS, CHEIOS DE PERSPECTIVAS, EMPREENDEDORES, DISPONÍVEIS E COMPROMETIDOS, SÃO ATRIBUIÇÕES QUE O NOSSO MOVIMENTO PRECISA PARA UM DESEMPENHO EFICIENTE.)

Caros amigos mefécistas, neste sétimo módulo, estaremos refletindo um pouco sobre a necessidade de se formar líderes. Este texto não tem a pretensão de apresentar um modelo de como se forma um líder, mas dentro de nosso programa de formação, ele tem a finalidade de despertar nossa atenção com a preocupação de estarmos atentos a esta necessidade.

O tempo passa muito rápido. As mudanças em nosso mundo, em todos os aspectos, atingem e influenciam nossas vidas. É muito comum ouvirmos de pessoas, ainda não tão idosas, frases do tipo: no meu tempo não era assim..., quando eu era criança isso não se via.

Em nosso movimento não é diferente. Quantas situações que vivemos hoje, quantos desafios a nos preocupar, que há tempos atrás não incomodavam nossos mefécistas? Violência urbana, prostituição e exploração do

trabalho infantil, tentativa e esforço de institucionalizar o aborto, efeito estufa, degradação do meio ambiente, com o desmatamento e a poluição, questões da biotecnologia e bioética, famílias degradadas, e tantos outros!

E nossa liderança? Como estão nossos líderes? Melhor: como está a formação de nossos líderes, em todas as suas necessidades? E como estamos despertando e preparando novos líderes, para fazer frente a toda esta transformação que estamos observando?

No campo corporativo, as empresas buscam diariamente novos líderes e, para atender a demanda, profissionais estão procurando, cada vez mais, cursos revolucionários que os tornem líderes em todas as exigências e necessidades do mercado. Podemos tirar deste comentário a primeira lição para o nosso MFC: se queremos ser realmente eficientes e eficazes em nossos trabalhos,

nossos líderes tem que estarem continuamente e diariamente sendo treinados e atualizados, para não sucumbirem frente às dificuldades.

Podemos perceber pela mídia, impressa ou televisada, por meio de malas diretas e principalmente pela internet, mensagens divulgando palestras, cursos e até simpatias para se tornar um líder eficaz. Aqui a segunda lição: existem muitas maneiras e formas de preparamos nossos líderes. Precisamos estar atentos para todas as oportunidades disponíveis e não deixarmos escapulir nenhuma. Há que, em todas as nossas reuniões, priorizarmos um tempo para o momento de formação e capacitação de nossos membros.

Há quem afirme que, líderes saem prontos e acabados, como em uma linha de montagem industrial; ninguém se torna um líder. Toda vez que ouvimos este comentário, discordamos. Em nossas experiências com formação, dentro e fora do MFC, percebemos o contrário: são muito poucos aqueles líderes natos. É possível formar lideranças por intermédio de um programa orientado.

MAS O QUE É SER LÍDER, afinal? Não seria correto definir líderes aqueles que têm seguidores, mas é salutar e sábio definir líderes, aquelas pessoas que produzem uma mudança em sua área de atuação, geralmente para melhor. Nossa grande exemplo para ilustrar essa definição é

Jesus Cristo! Ele foi um grande líder, pois, reuniu um pequeno grupo, sem nenhuma formação, estudo ou especialização, homens rudes enfim, mas com uma grande pretensão; e os fez os maiores multiplicadores da história. Foram tão eficazes e levaram tão a sério os ensinamentos, a palavra e os feitos do líder, que sua mensagem é real e atual, apesar de milênios de existência.

Toda e qualquer característica de liderança passa pela excelência pessoal, com forte ênfase na ética, nas relações sociais e, principalmente, na compreensão da força existente na diversidade entre as pessoas. O aprendiz de líder precisa ser treinado para enxergar mais longe, porém olhando com respeito aqueles que estão mais perto.

Cada vez fica mais evidente que as atitudes do líder em sua vida particular influenciam em muito a sua liderança. O líder que não incorpora um código de conduta especial está fadado a uma atividade improdutiva, correndo o risco de ter sua liderança questionada e até ser desacreditado.

É por isso que, na História, líderes com uma visão espiritual têm constantemente provado serem benéficos ao seu meio, enquanto líderes com uma utopia humana se tornaram desastrosos. O primeiro pode ser exemplificado por M. Gandhi, o segundo por Adolf Hitler.

Fica claro o raciocínio

e a dimensão do pensamento acima: devemos investir no desenvolvimento de uma força espiritual, com uma formação sólida, obtendo assim para o MFC uma liderança consciente, comprometida e eficaz.

Lembrem-se: só existe excelência (seja cristã ou mefecista), em pessoas excelentes. Essa questão da excelência é muito interessante, pois, são elas que conduzem nossa visão de liderança. Devemos sempre dar atenção especial a excelência nas atitudes de um líder, que devem ter:

- E S P Í R I T O EMPREENDEDOR,
- PROATIVIDADE FRENTE ÀS CIRCUNSTÂNCIAS,
- MENTE ABERTA DIANTE DO NOVO E DAS MUDANÇAS,
- SABEDORIA DIANTE DO PODER,
- DISPONIBILIDADE PARA SERVIR,
- INTEGRIDADE,
- ESPÍRITO PROFÉTICO,
- COMPROMETIMENTO COM A EQUIPE BASE E COM O MFC COMO UM TODO.

Na verdade, qualquer liderança, sem este conjunto de atitudes nada mais é que "chefia": um cargo burocrático, sem comprometimento com o MFC ou com o seu tempo, mesmo que o dono do cargo tenha o título de líder.

O bom líder, nos dias de hoje, precisa ser comunicativo e pró-ativo, mais esperto do que culto, mais disponível do que ausente, mais sensível aos desafios do que ser diplomado. Exige-se hoje do verdadeiro líder, principalmente em nosso meio cristão, mais visão e coragem profética que status e oportunismo.

O verdadeiro líder não se intimida diante das dificuldades, ao contrário, tem capacidade de atuar sob forte pressão, disposição para incorporar e entender as mudanças e, sobretudo, consegue enxergar quais as necessidades prementes e criar mecanismos para colocá-las em prática solucionando-as. Na verdade o líder não pode ser problema, mas, parte da solução.

O líder de hoje precisa ter bons olhos para enxergar as armadilhas contra as famílias e contra nossos interesses de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna. Para isso tem de se acostumar a planejar metas e traçar objetivos.

Exige-se do líder de hoje bom "jogo de cintura", ele deve ser disciplinado, criativo, flexível e, sobretudo, ser humano.

Deve o líder conseguir absorver toda a cultura que envolve sua participação, em nosso caso, deve conhecer e aprofundar a cultura do MFC, conhecendo seus anseios, sua missão e seus objetivos. Essa disposição é necessária para entender e atender as estratégias do MFC, pois, assim consciente, será um líder mefecista que irá gostar de servir e lidar com

o ser humano. Tarefa nada fácil. Por isso, é importantíssimo ao MFC formar seus líderes com pessoas advinda do próprio Movimento.

Que Deus nos inspire e nos abençoe na empreitada de conseguirmos formar líderes e lideranças comprometidas com a nossa causa, com nossas famílias, com o nosso Movimento.

Amém.

Questões para debate e reflexão:

- QUE GRANDES LÍDERES CONHECEMOS? QUAIS SEUS FEITOS?
- QUAL PRÁTICA É POSSÍVEL,

EM NOSSA REALIDADE, PARA DESPERTARMOS LIDERANÇA?

- COMO VEMOS A LIDERANÇA HOJE EM NOSSO MOVIMENTO? O QUE É POSITIVO? O QUE FALTA?

- MINHA PARTICIPAÇÃO E ENVOLVIMENTO NO MFC TEM SINAIS DE LIDERANÇA?

- SER LIDER MEFECISTA E ESTAR A SERVIÇO DO MFC. É UMA POSSIBILIDADE QUE ME INCOMODA OU ME INQUIETA?

TANIA E TIQUINHO
(*SECRETARIADO DE FORMAÇÃO – CONDIR SUDESTE*)

a.feliciano@eltasuper.com.br

MÓDULO Nº. 08

TEMA: AMIZADE NO MFC
(*SAIBA COMO TRANSFORMAR A AMIZADE ENTRE OS MEFECISTAS EM RELACIONAMENTO PRODUTIVO PARA O MFC.*)

Caros mefecistas, o oitavo módulo de nosso programa de formação, vai abordar um assunto muito especial: a AMIZADE.

Este tema já inspirou muitos poetas e artistas, e bordões famosos já foram criados para evidenciar sua importância: "quem encontra um amigo, encontra um tesouro"; ou, "amigo é coisa para se guardar do lado esquerdo do peito". Na verdade a amizade é um sentimento muito nobre. Felizes aqueles que o podem possuir e dele usufruir. Veja a seguir como este sentimento é útil ao MFC.

O sorriso no rosto pode significar mais do que estar presente em reunião da Equipe base. O sorriso no rosto poder ser o reflexo de um ambiente que favorece a amizade entre os presentes. Em um mundo que perdeu a sensibilidade para com

a confiança, a Equipe base, assim como o próprio Movimento, se transformam em lugares onde se pode confiar, acreditar, realizar, viver!

O QUE ISSO TEM A VER COM O MFC?

A resposta é fácil: tudo.

Quando o ser humano se sente "acolhido", tende a viver feliz, realizando mais e melhor, e se sentindo assim em nosso meio, passa a confiar no Movimento e a se comprometer com seus resultados. Incentivar a amizade e a boa relação entre os mefecistas, é dever e obrigação de todos os Coordenadores e líderes do MFC em todos os níveis.

A liderança mefecista deve ficar próxima das equipes, atenta às diferenças comportamentais, procurando conversar e motivar. Assim agindo, conseguirá manter a harmonia dentro do MFC. Em um movimento como o nosso, onde notamos uma diversidade muito grande de pessoas, a harmonia é fundamental para o sucesso e eficiência de nossas ações.

Cultivar o bom relacionamento é uma maneira simples e eficiente de se conquistar a harmonia. Sem ela, tudo será mais difícil, será mais custoso. Enquanto a harmonia semeia relacionamentos sadios, a desconfiança planta a discórdia.

No relacionamento harmonioso, nossos trabalhos serão muito mais produtivos, serão bem vistos, serão bem aceitos, menos cansativos e mais satisfatórios. A interação entre os mefecistas, beneficia os próprios membros em primeiro lugar, porque é bom oferecer nosso trabalho em um

ambiente saudável e alegre, e levará muito mais confiança àquelas pessoas que recebem o mesmo, pois, encontrarão um ambiente agradável e amistoso.

O mefecista confiante e satisfeito com o MFC é mais seguro e atende melhor as expectativas do nosso Movimento.

A relação de amizade no MFC é muito positiva, pois, ajudará em muito a "produtividade" do nosso movimento em todas as suas realizações. Neste ambiente de fraternidade, conseguiremos ser muito mais eficientes no trabalho de evangelização e transformação da sociedade, pois o mundo, mesmo aquele mais perto de nós, está muito carente de relacionamentos harmoniosos onde impera a confiança, a colaboração, o desinteresse, o respeito e o amor. Pesquisas mostram que quem possui um grande amigo, tem muito mais chances de atingir suas metas; enquanto quem não possui tal vínculo, a chance de atingi-las é quase nula.

Já pensaram como somos privilegiados fazendo parte de um movimento como o nosso?

Já imaginaram a nossa força? Ainda não dimensionamos a nossa fortaleza. Se quisermos, poderemos atingir muito. Poderemos conquistar muito, unindo todas as nossas forças!

Na verdade há outros ganhos que provavelmente ainda

não nos demos conta. A amizade estimula o acerto nas tomadas de decisão, melhora o desempenho e reduz a ausência, que gera a acomodação.

Outro fator que podemos destacar, fruto de um clima amistoso e harmonioso, está relacionado com a saúde. As pessoas que vivem em ambientes agradáveis sorriem mais e têm menos chances de desenvolverem problemas com a saúde, atestam muitas pesquisas. O bom relacionamento e amizades sinceras geram maior engajamento e disposição para o trabalho voluntário. Os ganhos são muitos, por isso vale a pena investir para criar (ou manter) um bom ambiente entre as Equipes base e o MFC como um todo.

Há várias maneiras que contribuem para criar e manter o ambiente saudável: as reuniões da Equipe base, confraternizações em datas especiais (festiva de final de ano ou início de atividades, dia das mães, festa junina, dia dos pais, dia das crianças), encontros (retiros, palestras, semana da família, reciclagem), formação de um coral do MFC, palestras motivacionais, bailes (além de gerar entrosamento é uma forma de se obter verbas para subsidiar outros eventos), e outras tantas outras idéias que podem ser criadas e colocadas em prática, visando criar um ambiente amigável e estimular o trabalho em equipe. As confraternizações e encontros também ajudam a estabelecer e estreitar contatos, mas devem ser feitas durante todo

o ano e não apenas nas festas de Natal, por exemplo, pois, além de proporcionar momentos agradáveis, o Movimento amplia a possibilidade de interação entre seus membros e ajuda a criar laços de amizade.

Outra maneira de criar estes relacionamentos de amizade é incentivar os membros mefecistas a assumirem responsabilidades perante o Movimento: coordenação de Equipe base, secretarias, etc. Esse envolvimento permite que entendam melhor o que é o Movimento, conhecem e se relacionam com mais pessoas, entendem melhor o que cada um faz. Isso facilita o surgimento de novas relações, permite a troca de dados, possibilita a troca de experiências e cria canais de comunicação. Isso tudo somado irá gerar a chance de os trabalhos do MFC fluirem melhor e mais rápido, sendo mais eficazes.

BENEFÍCIOS DA AMIZADE

- ✓ **FAZ MAIS EM MENOS TEMPO;**
- ✓ **INOVA E COMPARTILHA IDÉIAS;**
- ✓ **CONCENTRA-SE NOS SEUS PONTOS FORTES;**
- ✓ **VOCÊ SENTE-SE INFORMADO E VALORIZADO, INFLUINDO POSITIVAMENTE NO ENGAJAMENTO;**
- ✓ **COLABORA PARA UM AMBIENTE SEGURO, COM MENOS FUXICOS;**
- ✓ **POSSIBILITADIVERSÃO E MELHOR ATUAÇÃO;**

- ✓ **RENOVA ESPERANÇAS;**
- ✓ **FORTALECE O GRUPO;**
- ✓ **FAVORECE A DISPOSIÇÃO PARA OS COMPROMISSOS;**
- ✓ **MANTÉM A CONSTÂNCIA DA EQUIPE BASE.**

Acreditamos que a leitura com o aprofundamento desta reflexão, nos permitiu descobrir a importância que os amigos têm em nossas vidas. Mais que isso, a amizade para o MFC é um ponto de equilíbrio entre a disponibilidade para servir, e a permanência no Movimento.

Se não valorizarmos a importância da amizade e as benesses em praticá-la, surge uma preocupação muito grande, capaz de colocar tudo a perder, e que com certeza causa aflição em qualquer Coordenador ou Coordenação, é a formação das famosas panelinhas, que costumar gerar, além de um clima negativo, comentários maldosos que desestimulam e impedem o crescimento do MFC.

Se isto acontecer cabe aos Coordenadores identificar o

problema e estabelecer conversas e esforços para solucioná-lo.

Questões para reflexão em grupo:

■ **COMO É O RELACIONAMENTO DE AMIZADE EM NOSSA EQUIPE BASE?**

■ **QUE PRÁTICAS PODEM SER ADOTADAS PARA VALORIZARMOS ESSE SENTIMENTO?**

■ **CONHECEMOS ALGUMA EQUIPE BASE COM DIFICULDADE DE RELACIONAMENTOS? COMO PODERÍAMOS AUXILIAR?**

■ **QUANDO OUÇO COMENTÁRIOS DUVIDOSOS E MALDOSOS, QUAL MINHA REAÇÃO?**

■ **A - M - I - Z - A - D - E. APROVEITANDO AS PARTICULARIDADES DA EQUIPE, VAMOS FORMAR UM ACRÓSTICO COM ESTA PALAVRA?**

TANIA E TIQUINHO
(*SECRETARIADO DE FORMAÇÃO – CONDIR SUDESTE*)
a.feliciano@deltasuper.com.br

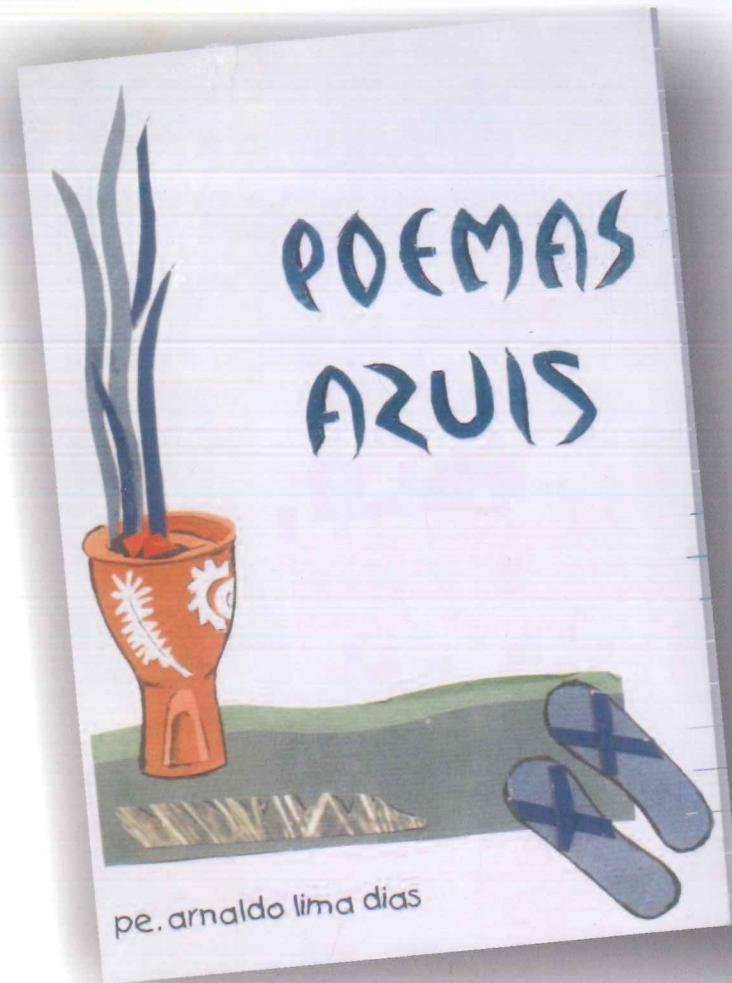
"No imaginário popular, uma pessoa ética vem a ser uma pessoa correta, honesta. Neste sentido, diante do tribunal da Vida e do Povo, não há diferença entre um carroceiro e um Presidente da República. O que pesa é que sejam honestos."

Frei Cristóvão Pereira ofm

AVISO AOS ASSINANTES

IMPORTANTE

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** um dos envelopes de depósito ou o boleto bancário que lhe for encaminhado
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR** pelo telefax (32) 3218.4239 ou pelo E-mail: livraria.mfc@gmail.com
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago juntamente com os envelopes bancários e/ou boleto para renovação.
5. Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como nosso assinante.



Padre Arnaldo Lima Dias, grande amigo e assessor do MFC na Bahia, comunica-se com o mundo através da poesia, não importa qual seja a circunstância ou documento a ser editado. Tire a prova disto lendo POEMAS AZUIS, disponível na LIVRARIA MFC ao preço de R\$ 10,00 mais despesa de remessa.
livraria.mfc@gmail.com (32)3218-4239